

A UNIVERSALIDADE DO EVANGELHO: POR UMA TEOLOGIA DA RAÇA

1. Vivendo num mundo pluriétnico e multicultural: a origem dos povos

1.1. A percepção de identidade étnica e cultural, própria e dos outros, varia com nossa experiência.

- Seres humanos têm diferentes percepções de sua própria identidade étnica e cultural e da dos outros.
- Experiência, oportunidades, trabalho, condição financeira, interesses pessoais contribuem para isso.
- Estas diferentes percepções nos levam a desenvolver diferentes atitudes em relação a “nós” e aos “outros”.
- Não estamos sozinhos no mundo. Nosso grupo social pode ser tão pequeno quanto uma família até envolver pessoas de diferentes nacionalidades, culturas e costumes.
- Essa constatação pode ter diferentes implicações para cada um de nós: indiferença, medo, ódio, interesse, alegria, curiosidade.
- Independentemente da nossa percepção do mundo ao nosso redor, nosso mundo é pluriétnico e multicultural e Deus permitiu que isto se desenvolvesse assim.
- Como Deus vê a humanidade? Como nós cristãos devemos ver a humanidade?
- O objetivo deste curso é procurar entender como o propósito de Deus para a humanidade ao longo da história envolveu não somente um povo escolhido, mas diferentes povos e culturas, que um dia estarão todos reunidos ao redor de seu trono. Nossa atitude para com essa humanidade deve estar alinhada com esse propósito de Deus.

1.2. Literatura de apoio deste curso

- Hays, J. D. 2003. *From every people and nation: a biblical theology of race*. Downers Grove, InterVarsity Press.
- Piper, J. 2012. *O racismo, a cruz e o cristão*. São Paulo, Vida Nova.

1.3. Por que falar sobre diversidade étnica na igreja?

- A igreja, como o corpo visível de Cristo, é formada por pessoas de todo o mundo (Ef 2:11-13 e 19).
- Em diferentes graus, igrejas locais têm composição etnicamente diversa.
- Assim como em vários assuntos, o mundo pode exercer forte influência na atitude que a igreja tem em relação à diversidade étnica. É preciso estabelecer uma maneira bíblica de pensar e agir em relação à diversidade étnica. É preciso desenvolver uma teologia da raça.
- As tensões e os conflitos raciais estão crescendo assustadoramente em várias partes do mundo. Mesmo aqueles que não vivem diretamente essas tensões e conflitos, tendem a formar opiniões sobre algumas etnias moldadas pela experiência de outros ou pela maneira como a mídia as apresenta e interpreta.
- Nos últimos anos, o movimento migratório humano no mundo tem aumentado consideravelmente. Uma boa parte desses migrantes é formada por refugiados fugindo de tensões, conflitos e catástrofes naturais. Principalmente na Europa ocidental e nas Américas, as grandes cidades recebem anualmente milhares de migrantes, que tendem a se incorporar definitivamente na vida desses centros urbanos, gerando novos problemas econômicos, sociais e políticos.
- Muitos desses migrantes irão se converter e formar suas próprias igrejas etnicamente orientadas. Alguns se juntarão a igrejas cristãs já estabelecidas. São novos irmãos e irmãs em Cristo, com os quais teremos de aprender a viver em comunhão. A igreja evangélica nesses países precisa estar preparada para lidar com mais este novo desafio.
- Em particular a igreja evangélica brasileira é praticamente omissa na questão racial, talvez porque vivemos num país considerado tecnicamente “não racista”, que sempre foi hospitaleiro a estrangeiros em geral, os quais muito contribuíram para definir um perfil multirracial ao nosso povo. Mas mesmo a igreja evangélica americana, vivendo num ambiente racial muito mais complexo do que o brasileiro, tem sido acusada por vários escritores evangélicos, de ser silenciosa nessa questão. De fato, segundo Hays (2003),

a grande maioria dos recursos e textos teológicos produzidos nos EUA passa ao largo da questão racial, o que é intrigante dada a escala desse problema.

- Por outro lado, as tensões raciais são uma realidade na igreja evangélica de países africanos e asiáticos. Por exemplo, a Convenção Batista de Myanmar (antiga Burma) tem entre os seus 2 milhões de membros dezenas de grupos étnicos, alguns com linguagem totalmente diferente. A igreja Kale Heywet da Etiópia (que significa “Palavra da Vida” em amharic), tem mais de 6000 congregações e mais de 6 milhões de batizados, mas possui entre seus membros diferentes grupos étnicos que histórica e tradicionalmente nutrem alguma animosidade entre si.

1.4. Alguns conflitos que alimentam as tensões raciais

- Guerras: as guerras em si não são necessariamente causadas por razões raciais, mas podem resultar em diversos conflitos raciais.
- Migrações humanas causadas por fome, desastres naturais, necessidade de trabalho etc.
- Dominação política.
- Segregação social.
- Intolerância religiosa.
- Preconceito e racismo.
- Tensões raciais sempre existiram, por todos esses motivos, ao longo da história humana.

1.5. Mas afinal, o que é raça?

- Embora todos os povos do mundo pertençam biologicamente à mesma espécie (*Homo sapiens*) é notória a grande diferenciação e variação existente entre eles. Essa variação é considerada por muitos como evidência da existência de diferentes “raças” humanas.
- No mundo antigo e até ao Renascimento, o termo “raça” se referia principalmente aos grupos de pessoas que tinham uma língua comum, denotando então as diferentes afiliações nacionais.
- O conceito tradicional prevalecente até meados do séc. 20 define genericamente uma raça como sendo “um grupo de pessoas que partilham alguns traços físicos comuns, como a cor da pele, a textura do cabelo, as feições faciais, a formação do olho, geralmente associados à separação geográfica”.
- No entanto, hoje existem muitas divergências, de natureza antropológica, sociológica, biológica e política, sobre a validade do conceito de “raça” baseado nessas diferenças. Não há um consenso sobre a questão.
- Atualmente, o pensamento *mainstream* não aceita o conceito de “raça” tradicionalmente baseado nas variações humanas e tende a considerá-lo como um construto (conceito teórico não observável) social, uma ideologia.
- O conceito tradicional de raça baseado em diferenças físicas visíveis nas populações humanas começou a emergir no século 17, como resultado da expansão da colonização europeia ocidental nos outros continentes, que estabeleceu relações políticas entre os europeus e outros povos com feições físicas e tradições culturais distintas.
- François Bernier, um viajante, médico e antropólogo francês de meados do séc.17, foi o autor da primeira classificação moderna das distintas raças humanas em sua obra “*Nova divisão da terra pelas diferentes raças ou espécies que a habitam*”, publicada em 1684. Bernier identificou quatro ou cinco raças humanas.
- Negar uma origem comum a toda a humanidade era visto como heresia no séc. 17. As principais dificuldades para aceitar uma origem adâmica ou noíaca para todas as raças humanas residiam nos seguintes fatos:
 - a) a imprevisibilidade de que os humanos se dispersassem por distâncias tão grandes do Oriente Próximo em tão pouco tempo após o dilúvio (6.000 anos nos cálculos da época);
 - b) as tremendas diferenças físicas entre as diferentes populações humanas;

- c) o conhecimento de que algumas culturas (egípcios, caldeus, astecas) tinham registros históricos bem anteriores a 6.000 anos.
- Estas dificuldades levaram alguns pensadores a acreditar na existência de humanos antes dos primeiros pais e que algumas raças humanas teriam descendido destes “pré-adâmicos”, como por exemplo Isaac La Peyrère na sua obra *Praeadamitae* de 1655, baseada numa interpretação equivocada de Romanos 5:12-14. As ideias de La Peyrère foram a base para o desenvolvimento do criticismo bíblico, bem como do poligenismo e da ideologia racista do séc.19.
- A teoria do poligenismo, que se firmou nas últimas duas décadas do séc. 18, propunha que as diferentes raças humanas haviam se desenvolvido separadas geograficamente em cada continente, sem partilhar um ancestral comum. A essa teoria se opunha fortemente à do monogenismo, baseada na ancestralidade comum de todos os seres humanos, conforme a narrativa bíblica do Gênesis.
- Em 1779, Johann Friedrich Blumenbach, antropólogo e zoólogo alemão, no seu tratado “*Das variedades naturais da humanidade*”, baseado em estudos cranianos, propôs a divisão racial da humanidade em cinco grandes grupos:
 - a) caucasiana: branca (Europa, Oriente Médio, norte da África e Índia).
 - b) mongólica: amarela (leste e centro da Ásia).
 - c) malaia: pardos (sudeste da Ásia e ilhas do Pacífico).
 - d) etiópica: negros (África sub-saariana).
 - e) americana: vermelha (índios americanos).
- O trabalho de Blumenbach foi um marco de referência no estudo das raças e influenciou fortemente a antropologia nos séculos seguintes. De família protestante, cria na origem única da humanidade e combatia o pensamento racista de sua época. Não propôs nenhuma hierarquia entre as raças, embora fosse da opinião de que o tipo caucasiano era o tipo básico a partir do qual as outras raças surgiram. Admitiu que as raças se intergradavam tão difusamente que era difícil estabelecer limites entre elas. Via as variações físicas como resultado da ação degenerativa do ambiente e do clima sobre o organismo.
- Contudo, já no final do séc. 17, estas mudanças eram vistas mais como “adaptativas” do que “degenerativas”.
- Vários antropólogos nos séculos 18,19 e 20 contribuíram com classificações das distintas raças humanas. Em todos eles prevaleceu a ideia de uma separação física essencial entre as raças, baseada num modelo tipológico.
- No final do séc. 18, as ideias pré-evolucionistas começaram a tornar mais indistinta a fronteira entre as espécies, incluindo o homem, culminando na teoria da evolução proposta por Darwin no séc. 19. No entanto, apesar das evidências científicas indicando uma fronteira mais fluida entre os organismos, as fronteiras “raciais” foram se tornando mais rígidas, como forma de justificar a ideologia racista da superioridade branca.
- O tráfico de escravos africanos para o trabalho braçal nas colônias européias da América foi um forte componente econômico que contribuiu para consolidar o conceito tipológico de “raça”, como forma de legitimar esta atividade numa sociedade tradicionalmente cristã.

1.6. Criados à imagem e semelhança de Deus

- Por que Deus permitiu que a humanidade se dividisse em tão diferentes línguas, costumes e tradições?
- Por que Deus quis se revelar à humanidade através de uma nação específica?
- Por que Deus escolheu Abraão quando tinha tantas outras opções disponíveis?
- É muito difícil achar respostas para estas questões, mas a história bíblica nos ajuda a entender um pouco do propósito de Deus nestas questões.
- Possivelmente o plano de Deus para a humanidade não contemplava a diversidade étnica. Mesmo após a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden, ou o recomeço da espécie humana em Noé após o Dilúvio, a ordem de “crescer e multiplicar-se” foi obedecida sem qualquer desaprovação da parte de Deus.

- Os primeiros doze capítulos de Gênesis são críticos e fundamentais para a teologia bíblica, incluindo aqui a teologia da raça, que se apóia em três pilares: a) a criação à semelhança de Deus, b) a divisão da humanidade em diferentes grupos, linguagens e nações e c) a promessa da bênção de Deus a todas as famílias da terra através de Abraão.
- Adão e Eva foram criados sem identificação com uma raça específica. O nome “Adão” significa *humanidade*. Contudo, a imagem ilustrada dos nossos primeiros pais ao longo dos séculos sempre foi identificada com a raça branca (Gn 1:26-27).
- Qual o significado de “à imagem e semelhança de Deus”? Sempre houve muita discussão sobre o significado desta expressão ao longo da história da igreja. Wenham (1987) resume as várias proposições em cinco posições principais:
 - 1) “imagem” denota qualidades naturais (razão, personalidade), ao passo que “semelhança” denota as qualidades sobrenaturais da graça concedida por Deus à sua criação.
 - 2) “imagem” refere-se às qualidades mentais e faculdades espirituais que o homem partilha com seu Criador.
 - 3) “imagem” refere-se à semelhança física.
 - 4) “imagem” refere-se à designação da humanidade como representante de Deus na terra.
 - 5) “imagem” refere-se à capacidade de se relacionar pessoal e volitivamente com Deus.
- Diferentes combinações das posições 2, 4 e 5 são adotadas pela maioria dos teólogos. Para o propósito deste curso não vamos tratar do detalhamento destas questões, mas ressaltar que, independentemente do significado teológico desta expressão, o fato é que, em Adão, toda a humanidade foi criada à imagem e semelhança de Deus e que esta imagem e semelhança, mesmo manchada pelo pecado, subsiste em toda a humanidade e a distingue do restante da criação. Portanto, os atributos que distinguem o homem dos outros animais são igualmente partilhados por todas as raças e etnias.
- As implicações teológicas e éticas da doutrina da *imago Dei* (a imagem de Deus) são profundas, na medida em que ridicularizar, menosprezar, humilhar ou explorar alguém criado à imagem de Deus equivale a ter a mesma atitude em relação a Deus (Pv 14:31a, 17:5a). Todas as pessoas, de todas as raças e etnias, foram criadas à imagem e semelhança de Deus e, portanto, merecem ser tratadas com dignidade e respeito.

1.7. A maldição de Noé

- Em 1808, no contexto da luta anti-escravidão, David Burrow escreveu: “Estou convencido de que nenhuma passagem do sagrado volume da revelação bíblica tem sofrido mais abuso do que a maldição de Noé”.
- O episódio se passa em Gn 9:18-28. Após embebedar-se e ficar nu em sua tenda, Noé é ridicularizado por seu filho mais novo, Cam, mas respeitado pelos seus outros dois filhos, Sem e Jafé. Quando Noé acordou e ficou sabendo do ocorrido, lançou uma maldição sobre Cam, mas que foi endereçada ao filho dele, Canaã (v. 24-25), e em seguida abençoou seus outros dois filhos, Sem e Jafé, bem como a descendência deles (v. 26-27).
- Ao longo dos últimos séculos, vários teólogos cristãos, judeus e muçulmanos conectam esta maldição de Canaã às raças negras. Esta passagem tornou-se o argumento bíblico central em defesa da escravidão no sul dos EUA na primeira metade do século 19.
- O argumento dos escravagistas frente aos abolicionistas tinha o seguinte raciocínio:
 - a) a maldição de Noé atingiu todos os descendentes de Cam;
 - b) o nome Cam significa “preto” ou “queimado”, explicitamente se referindo à raça negra;
 - c) Deus ordenou que os descendentes de Cam fossem escravos dos descendentes de Jafé, o qual representava as raças brancas, portanto, Deus ordenou a escravidão dos negros africanos.

- Um dos maiores defensores da causa escravagista foi o escritor americano Josiah Priest (1788-1861), que escreveu vários livros especulativos misturando história bíblica e arqueologia, sendo considerado por muitos como o criador da literatura pseudocientífica.
- Mesmo após o fim da Guerra Civil Americana, a maldição de Noé era utilizada por alguns pastores brancos para negar a noção de igualdade e o direito entre as raças, em questões de direito ao voto, oportunidades de educação etc.
- Infelizmente, ainda hoje circulam alguns livros e comentários evangélicos que sustentam uma posição teológica racista de Gn. 9-18-28, como por exemplo, o comentário de Arthur W. Pink *Gleanings in Genesis*.
- Como interpretar esse difícil texto das Escrituras?
- Em primeiro lugar, a maldição é dirigida a Canaã (Gn 9:25) e não diretamente a Cam. Portanto, estender a maldição a todos os descendentes de Cam é um equívoco. Canaã seria o futuro inimigo de Israel como nação. Etnicamente falando, os cananeus eram muito próximos dos hebreus, portanto a maldição não tem nada a ver com a África negra.
- Possivelmente esta maldição profética começou a ser cumprida durante a invasão e conquista de Canaã pelos israelitas após o êxodo e se completou quando os israelitas subjugaram completamente os povos cananeus durante a monarquia.
- Por parte dos descendentes de Jafé, a maldição se cumpriu possivelmente quando os filisteus chegaram à Palestina no séc.12 aC.

1.8. Gênesis 10 e 11: a origem das nações

- Os capítulos 10 e 11 de Gênesis estão intimamente relacionados. O capítulo 10 apresenta quais nações tiveram origem a partir dos filhos de Noé. O capítulo 11 explica como, durante a construção da Torre de Babel, as diferentes línguas surgiram e os homens foram espalhados pela face da terra, resultando nas nações apresentadas no capítulo 10.
- O capítulo 10 de Gênesis apresenta um relato de difícil interpretação. Uma interpretação mais simplista admite que os três filhos de Noé representam as três grandes raças humanas: a caucasiana (Jafé), a negróide (Cam) e a semítica (Sem). Entretanto, a divisão das línguas e, subsequentemente, das raças pode não ter se dado em função de um critério exclusivamente racial ou linguístico.
- As genealogias do antigo Oriente Próximo podem ser interpretadas em função de três critérios ou modos de organização: a) doméstico, que enfatiza as relações biológicas, econômicas ou geográficas dos descendentes; b) político, que enfatiza a hierarquia de dominação política e c) religioso, que enfatiza os elementos comuns aos cultos e adoração.
- Portanto, a base para a classificação da tábua das nações em Gênesis 10 pode ser uma combinação de elementos antropológicos, lingüísticos, políticos e geográficos. Mas, como todas as genealogias terminam em *nações*, é possível que a ênfase principal recaia sobre as afinidades políticas e de afiliação nacional.
- Por exemplo, Gn 10:6 agrupa os quatro filhos de Cam: Cuxe, Mizraim, Pute e Canaã. Porém, as nações deles derivadas não eram diretamente relacionadas racial, linguística e religiosamente. Politicamente, contudo, todas foram subordinadas ao controle do Egito durante boa parte da era patriarcal e até à conquista de Canaã.
- A maioria dos comentaristas do AT reconhece a dificuldade hermenêutica e histórica da genealogia de Gênesis 10, mas aceita que o seu critério central de organização é a divisão das nações baseada nas relações territoriais e geopolíticas, e não na descendência física.
- O numeral “sete” empresta uma certa simbologia à Gênesis 10. São mencionadas 70 nações e vários grupos de sete nações são citados.
- O ponto central desta passagem é a origem comum de todas as nações, o que contrasta com a mitologia egípcia, por exemplo, onde os egípcios se viam como os únicos “homens” na terra e todos os outros povos eram descendentes dos inimigos dos deuses. Nem mesmo Israel é mencionada em Gênesis 10.

Esta é a base teológica para afirmar que todos os indivíduos e povos da terra pertencem à mesma raça e possuem a mesma dignidade e caráter, partilhando as mesmas fraquezas, o mesmo pecado e as mesmas virtudes.

- Esses dois capítulos de Gênesis enfatizam que a divisão da terra em diferentes línguas e nações foi uma consequência direta da desobediência à ordem de Deus para “multiplicar e encher a terra”. Juntos, esses dois capítulos apresentam duas perspectivas opostas no relacionamento de Deus com a humanidade: 1. a unidade de todas as tribos e nações como um só sangue manifestando a benção de Deus na criação da humanidade; 2. a diversidade em muitas línguas e nações como resultado da ira de Deus frente à desobediência e rebeldia. Estas duas perspectivas preparam o terreno para o capítulo 12 de Gênesis.

1.9. Benção para todas as famílias da terra

- A chamada de Deus a Abraão é a resposta direta à trágica situação humana descrita nos capítulos anteriores de Gênesis.
- Em Gênesis 10:5, 20 e 31 a humanidade é dividida de acordo com as suas famílias/tribo/clã (*mispahah*), língua (*lason*), terra/país/território (*eretz*) e nação (*goy*). No chamado de Abraão (Gn 12: 1-3), três desses termos são utilizados: terra (*eretz*, 12:1), nação (*goy*, 12:2) e família (*mispahah*, 12:3). Portanto, a promessa feita a Abraão está fortemente conectada à narrativa do capítulo 10. A promessa feita à Abraão é a resposta ao pecado e dispersão de Gênesis 3 -11. A escolha de Abraão, embora de caráter exclusivista no início, visa a dispensação da benção de Deus a toda a humanidade.
- Ao longo de toda a Bíblia este tema tem sido recorrente: o pecado espalha, divide, mas Deus reúne. A reunificação sob a bênção de Deus é anunciada pelos profetas como o reverso de Gênesis 10-11 (Is 66:18-23). Os evangelhos apresentam Jesus como o cumprimento da promessa feita a Abraão, ao relatarem o ministério de Jesus a diversos estrangeiros (mulher samaritana, centurião romano, mulher cananea). O poder do Espírito Santo sobrepujando a barreira linguística no Pentecoste é um reverso de Gênesis 10-11. E finalmente, a reunião de todos os remidos, procedentes de “todas as tribos, línguas, povos e nações”, unidos como povo de Deus remidos pelo Cordeiro (Ap 5:9, 7:9, 11:9, 14:6), será o cumprimento definitivo da promessa feita a Abraão.
- Qual a nossa expectativa em relação ao cumprimento vindouro da bênção de Deus? Nossas atitudes contribuem para um contra-fluxo em direção a Gênesis 10-11 ou uma parceira gloriosa em direção ao plano redentor prometido em Gênesis 12?

2. O cenário pluriétnico do mundo do Velho Testamento

2.1. O viés cultural na interpretação bíblica

- Pré-entendimento cultural é a tendência de interpretar o conteúdo bíblico através da lente da nossa própria cultura. Frequentemente projetamos muito da nossa cultura e maneira de pensar no ambiente e no entendimento dos personagens bíblicos.
- Embora esse “pré-entendimento cultural” não seja mau em si mesmo, porque nos ajuda e nos relacionar melhor com o texto, com frequência isto nos leva a torcer o texto para encaixá-lo na nossa perspectiva etnocêntrica particular.
- Embora no seu conjunto e na sua abrangência a revelação de Deus e de seu plano na Bíblia se destina a pessoas de todas as épocas e de todos os lugares, o desenrolar da história bíblica se dá através de indivíduos humanos, característicos de certas épocas, regiões geográficas e culturas, distintas das nossas.
- Por séculos, os ocidentais cristãos têm retratado os personagens bíblicos com aparência física nitidamente européia. Esta tendência se nota nas artes e na mídia em geral e, em particular, nas ilustrações de material evangélico, principalmente para o público infantil. Consciente ou inconscientemente, os cristãos evangélicos no ocidente assumem que isto é verdadeiro e acabam formando percepções populares sobre a Bíblia, que podem influenciar a teologia da igreja (exemplos de livros, pinturas, filmes, em que isto ocorre).

- Além de projetar imagens ocidentais nos personagens bíblicos, esta tendência também faz com que outras nações representadas na Bíblia sejam omitidas ou ignoradas, o que contribui para fortalecer o viés ocidental no entendimento da história bíblica.
- Para tirarmos o melhor proveito do estudo da Bíblia, é importante termos a percepção correta do cenário pluriétnico do AT, principalmente diante da necessidade de estabelecer uma sã teologia da raça, ou mesmo de lidar com a questão racial no século 21.
- A seguir veremos quais as etnias que compõem o cenário histórico do AT.

2.2. Povos asiáticos

- A situação étnica na Palestina durante o segundo milênio (2000-1000 aC) era bastante complexa, sendo difícil traçar uma linha etnicamente distintiva entre cananeus, amorreus, hebreus e outros povos. O povo de Israel tinha várias afinidades étnicas com os seus vizinhos de Canaã.
- A freqüente possibilidade de casamento entre israelitas e cananeus, tão condenada por Deus, parece reforçar esta ideia.
- Um aspecto importante desta afinidade étnica é a linguagem. O hebraico é uma língua semítica, um grupo linguístico que se divide em dois subgrupos: um ramo oriental, representado pelo acadiano, que era a língua falada pelos assírios e babilônios, e um ramo ocidental, que inclui o árabe e outras línguas faladas no Oriente Médio e Etiópia.
- O hebraico pertence ao subgrupo semítico ocidental, mais precisamente semítico do noroeste, que também inclui a língua de quase todos os vizinhos de Israel (cananeus, moabitas, edomitas, amonitas, amoritas, fenícios e arameus).
- É bem ilustrativo o fato de que Israel não é mencionada entre as nações de Gênesis 10. Adão, Eva, Noé e Abraão não devem ser chamados Israelitas e não falavam hebraico, que se desenvolveu como língua falada somente após 1200 aC.
- Abraão era residente na Mesopotâmia e muitos historiadores concluem, baseados nos nomes de sua família, que ele era um amorita, um grupo étnico que realizou várias migrações para a Mesopotâmia antes e durante o período patriarcal.
- Contudo, em Gn. 24:4 e 28:5, Abraão é identificado com os arameus, um grupo de tribos que se estabeleceu na Mesopotâmia superior, mas que ainda não tinham se aglutinado para formar a nação de Hama, que aparece em textos bíblicos posteriores (2 Sm 10:6-19).
- Em Dt 26:5 Deus lembra ao povo de Israel a origem aramaica de Abraão. Rebeca e as duas esposas de Jacó eram aramitas (Gn 28:2).
- Porém, a descendência de Jacó começa realizar casamentos com outras etnias (Gn 38:2, 46:10, 41:50).
- Portanto, antes do seu início como nação, Israel experimentou uma certa mistura das etnias mesopotâmica (aramaica e amorita), cananeia e egípcia.
- Durante a maior parte da história do AT os israelitas eram foram fisicamente muito próximos dos seus vizinhos. Somente no período pós-exílico, quando o judaísmo começou a emergir como um estilo de vida próprio, os judeus definiram mais precisamente suas fronteiras étnicas.
- Como deveriam se parecer os israelitas no período do AT? Possivelmente não muito diferentes dos outros povos de língua semita na Palestina (Jeú no Obelisco Negro de Salmanezer III, ca. 840 aC.).

2.3. Cuxitas

- Os cuxitas viviam ao sul do Egito, ao longo da margens do Nilo até à região que hoje o Sudão (mapa do império cuxita).
- Os historiadores antigos se referiam aos cuxitas com vários nomes: Núbia, Cuxe, Meroe, Etiópia. Os gregos chamavam indiscriminadamente todos os povos negros ao sul do Egito de “etíopes” (face queimada). A Etiópia moderna localiza-se numa região diferente e é habitada por um povo de origem diferente dos cuxitas.

- Os cuxitas eram praticamente os únicos representantes da raça negra que tinham contato com o mundo mediterrâneo. Sempre que “etíopes” são mencionados na literatura grega, trata-se de uma referência aos cuxitas. A Bíblia hebraica sempre usa o termo Cuxe, tanto para a região quanto para seus habitantes, embora a Septuaginta, por ser uma tradução grega, utilize o termo Etiópia, em concordância com o entendimento geográfico que os gregos tinham daquela nação. Várias versões modernas da Bíblia são inconsistentes na tradução do termo hebraico “kûs”, ora traduzindo-o por Cuxe, Etiópia ou Núbia.
- A importância histórica dos cuxitas é geralmente subestimada por muitos historiadores, pois constituíram um grande império no Antigo Oriente Próximo por mais de dois mil anos. Na perspectiva dos tradutores e comentaristas bíblicos, esta nação também parece ser desprezada, mesmo tendo um significado importante na história bíblica.
- Por serem vizinhos dos egípcios, os cuxitas interferiram diversas vezes na sua situação política e econômica. Com a invasão do Egito pelos hicsos (1780 aC) os cuxitas aproveitaram a oportunidade para invadir o Alto Egito. Nos anos que se seguiram houve alternância no poder nesta região e as relações entre Egito e Cuxe eram ora amistosas ora belicosas. Os egípcios sempre cobiçaram as numerosas minas de ouro de Cuxe. Mas em cerca de 800 aC Cuxe invadiu o Egito e estabeleceu uma dinastia de faraós negros (25ª Dinastia), que governou o Egito por cem anos. Historicamente os cuxitas absorveram muito da religião e da cultura egípcia, havendo possivelmente certa miscigenação entre esses dois povos.
- Os cuxitas possuíam os traços físicos típicos da raça negra, como evidenciam a arte egípcia e numerosos textos literários greco-romanos. A cor escura da sua pele tornou-se um parâmetro de referência para os gregos, quando queriam comparar tonalidades de peles entre os povos. Por exemplo, para os gregos os hindus tinham a pele escura, mas não tanto quanto a dos etíopes. Em Jerusalém, no tempo de Jeremias, a cor da pele dos cuxitas tornou-se proverbial (Jr 13:23). Os romanos usavam o provérbio “lavar um etíope até ficar branco” como uma expressão indicando a futilidade de tentar mudar a natureza. Essas expressões não eram marcadas, contudo, por uma conotação racista ou depreciativa, mas somente como uma constatação de fins práticos e comparativos.

2.4. Egípcios

- A literatura e a arte egípcias são a fonte mais clara das distinções étnicas do antigo Oriente Próximo. Estas distinções são razoavelmente consistentes através de todo o AT.
- Na tumba de Seti I, quatro raças são representadas: os egípcios, os líbios, os cuxitas e os asiáticos. Os egípcios viam a si próprios como fisicamente relacionados aos cuxitas. Até hoje há controvérsias antropológicas sobre se os egípcios poderiam ser considerados ou não negros.
- Na verdade, a etnicidade dos antigos egípcios tem sido uma fonte de considerável controvérsia nos últimos anos. Os primeiros arqueólogos e antropólogos europeus tentaram colocar cultural e etnicamente os egípcios como os antecessores da civilização ocidental. Movidos por puro preconceito, eles tentaram negar qualquer associação da civilização egípcia com a África Negra, que viam como muito primitiva para dar impulso à grandiosidade do Egito no cenário histórico. Por outro lado, recentemente, alguns estudiosos têm ido para o outro extremo, alegando que tudo na cultura egípcia é sinônimo com a cultura da África Negra. Ambas as posições distorcem e manipulam os dados para provar que o Egito era ou “branco” ou “negro”.
- Atualmente há um forte consenso entre os estudiosos que reconhece que o Antigo Egito era possivelmente uma mistura entre elementos da África Negra e asiáticos, como parece evidenciar a presença de elementos linguísticos semitas (asiáticos) e hamitas (africanos) na língua egípcia antiga. Evidências arqueológicas apontam na mesma direção, sugerindo que mesmo antes do período pré-dinástico (3.100 aC), os habitantes do vale do Nilo sofreram a influência tanto de tribos do deserto que estavam a leste e oeste, como do sul, da África Negra. Esta mistura e influência de diferentes grupos étnicos no Egito permaneceu praticamente durante todo o período faraônico e através de todo o período do AT, especialmente a partir de 2.000 aC.
- Como uma potência bélica, o Egito possuía gente de outras etnias servindo em seu exército, como cuxitas, líbios, asiáticos e até gregos e judeus, seja como tropas regulares ou como mercenários. Muitos

desses militares chegavam solteiros ao Egito para servir e, quando se aposentavam, já estavam casados e bem estabelecidos na sociedade egípcia.

- Quando o exército egípcio conquistava uma nação, as crianças da nobreza local eram trazidas para o Egito e educadas, juntamente com as crianças da nobreza egípcia em escolas especiais chamadas “Kap”. Os estrangeiros que se formavam nessas escolas geralmente podiam entrar para a administração civil do império ou mesmo ingressar no oficialato do exército. É importante notar que essas escolas revelam tanto a ausência de preconceito racial como uma política de assimilação cultural no antigo Egito. Em particular os cuxitas, podiam ocupar diversas posições administrativas no império, no exército ou como membros da corte faraônica.
- Mas os estrangeiros também entraram no Egito através da força. De tempos em tempos o Egito foi dominado e governado por outros povos, como os semitas hicsos (ca. 1650-1550 aC.), os líbios (ca. 945-730 aC.) e os cuxitas (ca. 715-663 aC.).
- Por todas estas razões é difícil definir com precisão a etnicidade dos antigos egípcios, mas certamente não eram caucasianos por se retratarem com pele escurecida na sua arte e pintura.

2.5. Indo-europeus

- O mundo étnico do AT também inclui os dois maiores povos não semitas: filisteus e hititas.
- Os israelitas deveriam compartilhar muitos aspectos culturais com os cananeus e outros povos semitas da região, mas é provável que tivessem pouca afinidade cultural com esses dois povos.
- Assim como os israelitas, os filisteus chegaram como migrantes à Palestina. O próprio nome Palestina deriva do grego “philistine”, na tradução de Heródoto e depois do uso latino pelos romanos.
- Os filisteus têm origem incerta, mas muitos historiadores identificam a sua região de origem como sendo o litoral do Mar Egeu, entre a Grécia e a moderna Turquia. Por volta do 13º século aC. a civilização micênica começou a entrar em colapso, resultando em várias levas migratórias em direção ao leste do Mediterrâneo.
- Um dos grupos atingiu a Palestina e ali se estabeleceu. Houve tentativas frustradas de invadir também o Egito, que foram rechaçadas por Ramsés III por volta de 1160 aC. Os egípcios chamavam esses povos coletivamente de “povos do mar”.
- A Bíblia associa os filisteus à ilha de Creta (Dt 2:23, Am 9:7, Jr 47:4), o que indica que esta ilha talvez fosse a terra natal de um de seus grupos ou, pelo menos, que tenha sido usada como trampolim para sua invasão à Palestina.
- Os filisteus se estabeleceram na faixa costeira da Palestina e durante várias oportunidades ameaçaram e dominaram Israel (I Sm 4:1-2). Seu declínio ocorreu com as invasões dos assírios e posteriormente dos babilônios na Palestina, após o 8º século aC.
- No AT os filisteus são frequentemente chamados de “incircuncisos” (Jz 14:3, 15:18, I Sm 14:6, 17:26 e 36, 31:4, II Sm 1:20). Essa era uma diferença importante, porque muitos grupos semíticos (Israel e seus primos) praticavam a circuncisão, assim como os sacerdotes egípcios. Os filisteus eram, portanto, um dos poucos grupos da região que não praticavam a circuncisão.
- Outro grupo indo-europeu que aparece no AT são os hititas. Sua origem é desconhecida, mas possivelmente migraram para a Anatólia (atual Turquia) por volta de 2000 aC. e assimilaram a cultura Hatti, que habitava a região naquela época.
- Por volta de 1700 aC. os hititas estabeleceram um poderoso estado, que nos próximos 500 anos rivalizou com as outras potências regionais, Egito e Babilônia. Entre 1300 e 1200 aC. os hititas expandiram seu controle até a Síria, entrando em conflitos freqüentes com o Egito pela hegemonia da região. O império hitita começou a entrar em colapso após 1200 aC., possivelmente devido a invasões de tribos do norte.
- Durante sua invasão à Síria, os hititas certamente fizeram contatos freqüentes com Israel, especialmente durante os primeiros anos da monarquia.

3. A questão racial no Pentateuco e na monarquia

3.1. A formação do povo de Israel

- Durante quatro séculos os descendentes de Jacó e sua família proliferaram no Egito, passando de um simples clã para a condição de uma tribo, um povo, uma nação (Ex. 1:1-7).
- Foi durante esse período que seu dialeto semita, possivelmente muito próximo do dialeto cananeu, se desenvolveu numa linguagem distinta, conhecida como hebraico. Foi nesse período que os antigos hebreus começaram a desenvolver também um senso de identidade étnica.
- Em Gênesis a expressão “filhos de Israel” aparece somente quatro vezes, sempre em alusão aos filhos de Jacó. Já em Êxodo a expressão aparece 125 vezes e se refere à toda a nação formada pelos descendentes de Jacó. Algumas traduções modernas, entre elas a NVI, traduzem esta expressão como “israelitas” (Ex. 1:7, 3:11).
- O nome “hebreu” (*ibhri*) tinha conotação menos precisa e era usado menos frequentemente. Possivelmente referia-se aos descendentes de Héber (Gn. 10:21). Aparece pela primeira vez no AT ligado a Abraão (Gn. 14:13). Geralmente era a autodesignação dos israelitas quando em contraste com outros povos (Gn. 43:32, Ex. 2:11 e 5:3, I Sm 13:3), ou era o nome com que os israelitas eram conhecidos dos outros povos (Gn. 39:17, Ex. 1:15-16, I Sm 14:11).
- No NT o termo hebreu era usado com significado mais restrito, referindo-se àqueles judeus que conservavam uma pureza cultural-religiosa, sem serem influenciados pelo processo de helenização (II Co. 11:22, Fp 3:5).
- Embora etnicamente os hebreus não pudessem ser facilmente separados dos outros povos de língua semita, a maior distinção entre eles e os outros povos tinha uma natureza teológica e não biológica. Era a aliança com Javé, feita com Abraão e sua descendência (Ex. 3:15).
- Mas mesmo em seus primórdios, os israelitas não constituíam um grupo étnico homogêneo. É notável a observação feita em Êx. 12:38, de que uma grande multidão de estrangeiros (*'ereb*) deixou o Egito com os israelitas em direção à Canaã. O termo *'ereb* indica uma mistura étnica de pessoas. Quem eram esses estrangeiros? Egípcios ou de outras nacionalidades? Também escravos como os israelitas?
- Durante o período do êxodo, na 18ª e 19ª Dinastias (1550-1200 aC.), os egípcios exerciam controle sobre Cuxe, Síria e Palestina. As campanhas militares egípcias traziam milhares de conquistados para o Egito, na forma de escravos e trabalhadores. É muito provável que essa “grande multidão de estrangeiros” fosse formada por outros povos semitas e não semitas, principalmente cuxitas.
- A literatura egípcia relata que, no período do êxodo, muitos cuxitas chegaram ao Egito para exercer diferentes funções: escravos, soldados, mercadores, mágicos (possivelmente alguns dentre eles estivessem em Êx. 7:11), funcionários da corte e até nobreza.

3.2. A páscoa dos peregrinos e estrangeiros

- Costumamos ignorar o papel dos estrangeiros na formação do povo de Israel. Geralmente imaginamos o povo de Israel como uma nação bastante homogênea em termos históricos, culturais e teocráticos.
- A saída do povo do Egito é celebrada com um ritual totalmente novo estabelecido por Deus: a páscoa. É interessante notar a preocupação de Deus para com os estrangeiros que vivam entre os israelitas.
- O texto de Êx. 12:43-49 estabelece a distinção entre quem poderia e não poderia participar da páscoa e parece ter sido escrito para destacar a presença de estrangeiros entre os hebreus que deixaram o Egito. Dois termos são usados ali em referência a estes estrangeiros, os quais também são usados com frequência na Torah com a mesma distinção. O termo *gerim*, traduzido como “imigrante”, “peregrino” ou “alienígena”, refere-se àqueles de outras nacionalidades que aceitaram e praticavam o culto a Javé. O termo *nokrim*, traduzido como “estrangeiro”, refere-se àqueles que viviam entre os hebreus, mas que não prestavam culto a Javé. Num sentido mais geral, os imigrantes (*gerim*) estavam praticamente nivelados aos israelitas e sujeitos às mesmas leis, o que se reflete por todo o AT (Lv. 24:22).
- A distinção crítica era a circuncisão. Os *gerim* eram circuncidados e poderiam participar da páscoa, mas não os *nokrim*, que eram incircuncisos (Êx 12:48).

- A participação de outros povos no êxodo e na páscoa tem um significado simbólico bastante profundo. Seu paralelo no NT são a cruz de Cristo e a ceia do Senhor, pois apontam para as implicações do “verdadeiro Israel” (Rm 2:28-29) e podem ser vistos como um cumprimento parcial da promessa feita por Deus a Abraão, de abençoar através dele todas as famílias da terra (Gn 12:3).
- Mais importante ainda, a participação de estrangeiros no êxodo e na páscoa, atos redentores de Deus, não foi baseada em nascimento ou nacionalidade, mas no relacionamento com Deus e na aceitação da sua aliança.

3.3. Casamentos inter-raciais entre o povo de Israel

- Durante seu exílio no deserto, Moisés se casou com a filha de um sacerdote midianita chamada Zípora (Êx. 2:15-22). Os midianitas eram um povo de língua semítica, primos étnicos dos israelitas, porém bastante idólatras.
- A Bíblia não relata qualquer aprovação ou reprovação deste casamento por parte de Deus, mas no momento da vida de Moisés em que este casamento se deu, é possível que isto não tenha sido necessariamente um evento positivo na vida de Moisés, mesmo porque se deu antes do chamado pessoal de Deus a Moisés.
- Moisés havia enviado Zípora e seus dois filhos, Gerson e Eliézer, de volta à casa do seu sogro Jetro em Midiã, possivelmente ainda antes da saída do povo de Israel do Egito (Êx. 18:1-4). Não há mais menção a Zípora depois desta passagem, mas possivelmente ele retornou com seu pai Jetro para Midiã, após a visita a Moisés no acampamento de Israel.
- Não muito tempo depois os midianitas aparecem no texto bíblico como inimigos dos israelitas (Nm 25:16-18). É difícil imaginar um relacionamento amistoso entre Moisés e sua família midianita neste contexto. Na verdade, uma das últimas tarefas que Deus designou a Moisés foi a destruição dos midianitas (Nm 31:1-2). Este quadro parece tornar o casamento de Moisés com Zípora no mínimo questionável, numa época em que Moisés não andava ainda em obediência a Deus, e parece não servir de modelo ao povo de Israel.
- Não muito tempo depois Moisés casou-se uma segunda vez, agora com uma mulher cuxita (Nm 12:1). Não sabemos se ele já havia deixado o Egito com ela ou se a conhecera como uma das estrangeiras que deixaram o Egito com os israelitas. Miriã e Arão criticaram severamente Moisés por isso e foram punidos por Deus (Nm 12:4-9). Embora esta punição tenha como causa direta a crítica que os dois irmãos fizeram a Moisés, indiretamente podemos admitir que Deus não desaprovou a união de Moisés com esta etíope.
- No contexto do Pentateuco, é difícil dizer se os dois casamentos de Moisés violaram o ensino que Deus daria posteriormente ao povo de Israel sobre o casamento inter-racial. O texto central sobre isso acha-se em Dt. 7:1-4. Existe uma proibição explícita quanto ao casamento inter-racial somente em relação à questão teológica, pelo perigo dos israelitas serem seduzidos a adorar os deuses das outras nações. A mesma advertência já havia sido feita em Êx. 34:15-16 e é renovada em Josué 23:12-13.
- Outro ponto interessante é que a proibição do casamento inter-racial parecia estar restrita a algumas nações cananeias específicas. Aparentemente Deus não proibiu a união de israelitas com estrangeiros de outras regiões (Dt. 20:13-18, 21:10-14), mesmo que estes fossem etnicamente mais distantes dos israelitas do que os cananaeus. Isto evidencia a importância da fé na questão dos casamentos inter-raciais.
- Após o seu estabelecimento em Canaã, os israelitas logo se esqueceram da lei de Deus e começaram a se casar com os habitantes originais da terra, o que os levou à idolatria, como previsto (Jz. 3:5-6).
- A história da moabita Rute mostra, contudo, que qualquer estrangeiro que professasse a fé em Deus não só era aceito na comunidade de Israel como poderia se casar livremente com os israelitas e ser abençoado.
- Salomão foi o pior exemplo ilustrando como o casamento com estrangeiras incrédulas poderia levar ao afastamento de Deus através da idolatria (I Rs. 11:1-6).

- A reação mais vigorosa ao casamento inter-racial com o consequente risco da apostasia foi apresentada por Esdras e Neemias no período pós-exílico. Esdras relembra ao povo a proibição de casamentos inter-raciais no contexto da lei mosaica (Ed. 9:10-14) e Neemias relembra ao povo como a apostasia de Salomão foi causada pelos casamentos com mulheres estrangeiras (Ne. 13:23-27).
- Contudo, ainda era o fator teológico o principal motivo para banir os casamentos inter-raciais entre os israelitas e não a miscigenação racial em si, um princípio que é evidente em toda a Bíblia.
- A grande implicação teológica dos casamentos inter-raciais registrados na Bíblia é que o único critério de aprovação ou desaprovação na escolha do cônjuge de um cristão deveria ser sua fé em Cristo e não a cor da sua pele ou sua cultura. Muitos cristãos que se dizem não preconceituosos fazem forte oposição à escolha inter-racial de seus filhos no casamento. Casamentos inter-raciais podem trazer problemas de outra natureza (social, cultural), assim como qualquer casamento intra-racial, e que devem ser considerados honestamente e com sabedoria pelas pessoas envolvidas.
- O casamento de Moisés com uma mulher etíope reforça o princípio bíblico de que todo ser humano foi criado à imagem de Deus e tem o mesmo status diante dele. Casamentos fora da família de Deus são bíblicamente reprovados, mas a definição bíblica sobre o que é a família de Deus baseia-se na fé em Cristo e não na raça ou ascendência biológica.

3.4. Israel e os estrangeiros durante a conquista de Canã e a monarquia

- O sobrinho-neto de Moisés era chamado de Finéias, um nome de origem egípcia (*ph-nhsy*), bastante comum no Egito entre os séculos 16 e 12 aC, que significava literalmente “o negro”, “o núbio” ou “o cuxita”. Era o termo pelo qual os egípcios designavam os habitantes que viviam na terra de Cuxe.
- Finéias tem um papel relevante na história do Pentateuco. Êxodo 6:16-25 traça a genealogia do sacerdote Arão até Finéias. Finéias era filho de Eleazar, filho de Arão, com um mulher chamada Putiel, que era um nome egípcio hebraizado pela adição de “*el*” ao final, que significava “aquele que *el* (a divindade) tem dado”. Possivelmente sua mãe era uma cuxita que saiu do Egito junto com o povo de Israel.
- Finéias aparece em Nm. 25:6-8 como aquele que tomou a iniciativa para livrar os israelitas da praga enviada por Deus como punição pela idolatria com as mulheres moabitas e midianitas, matando um israelita que estava coabitando com uma midianita em sua tenda. Também acompanhou os israelitas na batalha de aniquilação dos midianitas (Nm. 31:1-6). Finalmente aparece em Josué 22 liderando uma comitiva que atravessa o Jordão para resolver um mal-entendido que poderia terminar em guerra civil, envolvendo as tribos de Ruben, Gade e a meia tribo de Manassés.
- O próprio Deus destaca a atuação fiel de Finéias e o recompensa publicamente (Nm 25:10-13). O seu zelo pelo Senhor se tornou um modelo para as gerações futuras (Sl. 106:28-31). Neste salmo, a expressão “e isso lhe foi creditado como um ato de justiça” é a mesma utilizada quando Abraão creu em Deus (Gn. 15:6), que depois seria utilizada por Paulo como um dos fundamentos da salvação de todos, judeus e gentios, pela fé somente (Gl 3:6-8).
- Qual seria a reação de muitos cristãos brancos racistas se os tradutores da KJV traduzissem o nome de Finéias por “o negro”? Que impacto a história de Finéias teria sobre o regime escravagista na América?
- O relacionamento de Israel com os africanos também foi registrado em várias ocasiões durante a monarquia. Tropas cuxitas serviram ao exército egípcio durante praticamente todo o Novo Império (1580-1075 aC), quando Cuxe estava sob o domínio egípcio. Documentos históricos (Cartas de Amarna) apontam para a presença de tropas cuxitas nas guarnições egípcias em Canã, antes mesmo da sua tomada por Israel. Os cuxitas eram famosos como arqueiros em todo o Oriente Próximo e possivelmente formavam a guarda pessoal dos faraós.
- A presença de estrangeiros no exército e na administração de Davi geralmente passa despercebida na história bíblica. Eles desempenharam um papel importante, principalmente durante a revolta de Absalão, mantendo-se leais a Davi e sendo usados por Deus para proteger o rei. Na guarda pessoal de Davi haviam queretitas (cretenses) e filisteus (peletitas e gititas ou giteus) (II Sm. 8:18, 15:17-18). Enquanto muitos conterrâneos o abandonaram, os estrangeiros estavam dispostos a dar a sua vida pelo rei Davi (II Sm. 15:19-22). A lista dos valentes de Davi inclui três estrangeiros: Igal, Zelek e Urias (II Sm. 23:36-39).

- Foi um soldado cuxita (etíope), que juntamente com um israelita, correu para levar a notícia da morte de Absalão em batalha a Davi (II Sm. 18:19-33). Embora tenha saído na frente da corrida, o etíope foi ultrapassado pelo israelita, possivelmente porque não era um queniano.
- Este acontecimento particular, e ao mesmo tempo tão singular, tem revelado de modo franco o indisfarçável racismo que acometeu até mesmo muitos eruditos e comentaristas bíblicos. Desde o final do século 19 até o final do século 20, numerosos comentaristas bíblicos interpretaram equivocadamente que o soldado etíope era provavelmente um escravo de Joabe, e que fora escolhido por temer a reação de Davi. Caso o rei, num destempero emocional, resolvesse matar o mensageiro de notícia tão ruim, como aconteceu com o amalequita de II Sm 1:13-16, este etíope seria apenas um escravo sem valor.
- Porém, não há qualquer evidência textual ou histórica de que um soldado etíope servindo no exército israelita fosse necessariamente um escravo. A própria mensagem dada a Davi não reflete o linguajar de um escravo, sendo direta, franca e bem articulada. Havia muitos estrangeiros naquele tempo em Israel que nunca foram interpretados como escravos. Tal interpretação evidencia o preconceito baseado na premissa de que, desde que haja um negro africano numa narrativa, necessariamente ele deve ser um escravo. Essa tendência revela uma conexão inconsciente e não intencional de associar negros e escravos na mente de comentaristas brancos que escreveram sob a égide de um estado escravagista.
- Um contraste cuidadoso entre o conteúdo das mensagens do etíope e do mensageiro israelita (Aimaás, filho do sacerdote Zadoque) é bastante instrutivo para perceber o nível de compreensão que um estrangeiro poderia ter sobre os atributos e os atos do Deus de Israel (II Sm. 18:19-32).
- Quando Davi vê Aimaás se aproximando diz que este deveria estar trazendo “boas novas” (*bsorá*). Aimaás sequer pronuncia esta palavra quando encontra Davi, mas sim o etíope. Aimaás saúda Davi com a expressão “*Shalom*, bendito seja o Senhor, o teu Deus, que entregou (*siggar*, ocultar, calar) os homens que se rebelaram contra o rei, meu senhor”! O etíope saúda Davi com as palavras: “Ouve as boas novas (*bsorá*), ó rei meu senhor! Hoje o Senhor (Javé) te livrou (*sapat*, vindicar, julgar) das mãos de todos os que se levantaram contra ti”. O etíope usa o nome de Deus sem vinculá-lo exclusivamente a Davi, como Aimaás fez. Este uso pode implicar o reconhecimento de Javé como o verdadeiro Deus pelo etíope. O etíope também usa um verbo com profundo significado teológico (*sapat*, vindicar ou julgar) para descrever os acontecimentos, ao invés do termo mais vago usado por Aimaás (*siggar*, ocultar, calar).
- Quando Aimaás é perguntado sobre Absalão ele desconversa ou é impreciso, enquanto o etíope é teologicamente mais direto ao observar que a rebelião contra o ungido do Senhor é um mal (*raá*) que mereceu o juízo (*sapat*) divino.
- Foi talvez no reinado de Salomão que Israel experimentou o maior intercâmbio político, cultural e comercial com as nações à sua volta (I Rs. 3:1; 4:24, 31 e 34; 5:1, 12; 10:1-13 e 28).
- Mais adiante, depois do reinado de Davi, os cuxitas são novamente mencionados no texto bíblico, mas desta vez como inimigos. Tropas cuxitas compunham o exército egípcio do faraó Sisaque, que atacou Jerusalém sob o reinado de Roboão por volta de 920 aC (II Cr. 12:1-4). Durante o reinado de Asa, Judá foi invadida por Zerá, possivelmente um general etíope sob o comando do faraó Osorcon I, da dinastia líbia que governava o Egito na época. O exército comandado por Zerá era numeroso e possuía líbios e cuxitas em seu contingente (II Cr. 14:9-13, 16:8).
- Com a ascensão no Novo Império Assírio, no séc. 9 aC, Judá e Israel se viram espremidos entre duas super-potências: Egito e Assíria. Até o colapso da Assíria, no final do séc. 7, Judá e Israel sofreram a influência da geopolítica desses dois estados poderosos. Mas ao mesmo tempo que diminuía o poder do Egito crescia o da Assíria.
- De 715 a 663 aC o Egito foi governado por uma dinastia cuxita. Nesse período houve um ativo intercâmbio político, militar e comercial entre Judá e o Egito controlado por Cuxe, o que fornece um pano de fundo importante para entender várias passagens do AT. Depois que assumiu o controle do Egito, as relações de Cuxe com a Assíria, que eram relativamente amistosas, tornaram-se belicosas. Cuxe viu-se forçada a fazer alianças com outras nações que a separavam da Assíria. Um pouco antes, em 722 aC, a Assíria já havia conquistado e despovoado o reino de Israel (norte).

- Durante o reinado de Senaqueribe (704-681 aC), a Assíria tentava consolidar seu controle sobre a Palestina, onde os pequenos estados tentavam se organizar para derrubar o domínio assírio. O rei Ezequias, de Judá, que nesse período era vassalo da Assíria, teve um importante papel nesta articulação (II Rs. 18 a 20, Is. 36 a 39).
- Em 701 aC Senaqueribe invadiu a Fenícia, a Filístia e Judá. O faraó egípcio Tiraca (da dinastia etíope – 25^a), veio em auxílio de seus aliados, mas foi derrotado pelos assírios, que atacaram a fortaleza judaica de Láquis (II Rs. 18:13-16). Depois de conquistar Láquis os assírios dirigiram-se para cercar Jerusalém (II Rs. 18:17). Embora não conste do texto bíblico, os anais de Senaqueribe registram que Ezequias pediu socorro ao Egito e Cuxe. Nesse ínterim, os egípcios se reorganizaram e Tiraca marchou novamente contra os assírios (II Rs. 19:9). Os assírios enviam uma mensagem para intimidar os habitantes de Jerusalém (II Rs. 19:10-13), mas são milagrosamente derrotados em seu acampamento pelo anjo do Senhor (II Rs. 19:35-36).

4. A questão racial nos salmos e nos livros proféticos

4.1. A redenção das nações no livro de Salmos

- Muitas passagens nos Salmos citam as nações vizinhas de Israel, ou mesmo as mais distantes, numa antecipação profética do seu ajuntamento para louvarem a Deus.
- Vários termos que se referem a outras nações aparecem no curto Salmo 67: nações (v. 2, 4), povos (v.3, 4, 5), confins da terra (v. 7). Este salmo projeta a visão de toda a terra graciosamente recebendo as bênçãos de Deus e afirmando a sua soberania.
- O mesmo quadro é apresentado no Sl. 86:9 e 117:1-2.
- No Sl. 87:4 e 6, Egito, Babilônia, Filístia, Tiro e Etiópia são incluídos entre as nações que um dia reconhecerão a Deus. Neste salmo, o próprio Senhor verá estas nações como se fossem nascidas em Sião, como fazendo parte da grande família de Deus

4.2. Julgamento e bênção em Isaías

- Os profetas geralmente falam do relacionamento de Israel com outras nações e do relacionamento presente e futuro de Deus com estas mesmas nações.
- No contexto das relações raciais modernas, em que frequentemente predominam as tensões e conflitos, é interessante observar o papel que outras nações, mas principalmente, a África Negra representada pelos cuxitas, desempenham nos livros proféticos.
- O profeta Isaías viveu num período turbulento para Israel e Judá (740-687 aC), em que duas superpotências procuravam dominar a Palestina: a Assíria e o Egito, nesta época governado por uma dinastia cuxita.
- Durante o reinado de Ezequias (715-687 aC), os cuxitas foram o grande aliado para tentar derrubar o poder da Assíria na Palestina. Isaías menciona os cuxitas oito vezes. Todas as referências ao Egito durante o reinado de Ezequias devem ser entendidas no contexto dos faraós cuxitas.
- O livro de Isaías contém textos relacionados à questão racial em dois aspectos. O primeiro refere-se à frequente citação dos cuxitas e como isso deve ser interpretado no contexto das atitudes e da teologia nos dias de Isaías em relação a esses estrangeiros negros. O segundo refere-se ao desenvolvimento do tema da salvação a todos os povos e nações, um tema que não é coberto com a mesma profundidade por nenhum outro livro profético. Isaías pinta um quadro escatológico de pessoas de todas as nações reunidas dos “quatro cantos da terra” junto com o remanescente de Israel como verdadeiros adoradores do Senhor (Is. 2:2-4, 11:10-12).
- Os capítulos 13 a 24 apresentam juízos e advertências de Deus a várias nações e a Israel. Um texto bastante representativo de como a visão de Isaías ultrapassa o juízo e aponta para o futuro escatológico das nações encontra-se em Is. 19:18-25.

- O tema da bênção às nações e a sua inclusão no povo de Deus é expandido nos capítulos 40 a 66, agora à luz da vinda do Messias, o Servo do Senhor (Is. 42:6, 49:6). Egito, Etiópia e Sabá são exemplos que ilustram o favor de Deus a todas as nações (Is. 45:14 e 22-23).
- Este mesmo tema encerra de forma grandiosa o livro de Isaías em Is. 66:18-23.

4.3. As profecias de Sofonias

- O livro de Sofonias é importante para a consideração das nações estrangeiras em relação a Israel e a Deus. Como em outros profetas, juízos são proferidos a algumas nações, mas novamente existe uma mensagem escatológica de acolhimento dessas nações, quando forem incorporadas ao povo de Deus no futuro.
- A genealogia de Sofonias retrocede quatro gerações até Ezequias, o que é incomum para a genealogia dos demais profetas. Têm sido dadas duas explicações para isso: a) Sofonias era trineto de Ezequias, rei de Judá, mas não se sabe ao certo se o Ezequias que aparece em sua genealogia era o rei de Judá; b) Sofonias era filho de alguém com o nome “Cuxe”, a mesma palavra hebraica usada para indicar a região, a nação ou os habitantes de Cuxe (Etiópia), sendo, portanto, necessário retroceder sua ascendência até a quarta geração para justificar sua origem judaica.
- Caso a segunda alternativa seja verdadeira, isso pode ser explicado pela grande influência política, militar e comercial que a Etiópia tinha na Palestina poucos anos antes do ministério de Sofonias.
- A mensagem de Sofonias anunciando o juízo de Deus é dirigida às nações nos quatro pontos cardeais: Filístia a oeste (Sf. 2:4-7), Moabe e Amon a leste (Sf. 2:8-11), Cuxe ou Etiópia ao sul (Sf. 2:12) e Assíria ao norte (2:13-15).
- A Etiópia reaparece em Sf. 3:9-10, mas desta vez ilustrando o plano de Deus para todos os povos do mundo. Duas expressões tem um significado especial nesta passagem. “... meu povo disperso” pode estar aludindo à dispersão das nações na Torre de Babel (Gn 11). E “... além dos rios da Etiópia” pode ser uma alusão ao alcance incomensurável do amor de Deus, já que a Etiópia era o limite mais ao sul dos povos conhecidos da África Negra.
- Sofonias ilustra os dois caminhos pelos quais os povos estrangeiros podem fazer parte do povo de Deus. O primeiro de natureza histórica, quando estrangeiros são incorporados a Israel/Judá por meio da fé, seja através de casamentos inter-raciais ou pela convivência. O segundo de natureza escatológica, quando também pela fé todas as nações um dia louvarão e servirão ao Senhor.

4.4. A dramática história de Ebede-Meleque

- De todas as histórias envolvendo estrangeiros e, principalmente, africanos no AT, a de Ebede-Meleque é uma das mais significativas para estampar o reconhecimento de Deus àqueles que o servem genuinamente, independentemente da sua nacionalidade, ascendência ou cor da pele.
- Durante o cerco de Jerusalém pelo exército babilônio liderado por Nabucodonosor (588-587 aC), o profeta Jeremias proclama o juízo de Deus contra a cidade, apontando a inutilidade da resistência. Devido a esta mensagem bastante impopular, o rei Zedequias autoriza seus oficiais a fazerem com Jeremias o que eles quisessem e estes o jogam numa cisterna vazia para morrer de fome (Jr 38:1-6).
- Ebede-Meleque, um oficial etíope que servia na corte de Zedequias, intercede ao rei por Jeremias e obtém o livramento dele (Jr. 38:7-13). Possivelmente este etíope estava em missão militar ou diplomática em Jerusalém na época do cerco de Nabucodonosor. É bem provável que os judeus estivessem acostumados à presença de africanos em suas terras, ao ponto da cor de suas peles se tornar proverbial (Jr. 13:23). Apesar da sua nacionalidade, seu nome era hebreu e significava “servo de um rei”, possivelmente porque ninguém em Jerusalém sabia pronunciar seu nome etíope.
- Como demonstração de um velado preconceito racial, vários comentaristas bíblicos sugerem que Ebede-Meleque fosse um escravo do rei Zedequias, mas as evidências são fortemente contrárias. O texto bíblico o descreve como um oficial (eunuco) do rei. Além disso, um simples escravo jamais criticaria uma ordem

real em público e, muito menos, convenceria o rei a acatar sua sugestão (a Septuaginta traduz Jr 38:9 por: “*você cometeu um mal*” ao invés de “*estes homens cometeram um mal*”).

- Por ter confiado no Senhor, Ebede-Meleque tem sua vida poupada por Deus na tomada de Jerusalém pelos babilônios (Jr. 39:15-18). Quando toda a nação de Judá estava sendo julgada por Deus pela sua desobediência e infidelidade, um negro africano foi livrado pela sua fé. Ele representa um tipo do remanescente fiel. Pessoas que, independentemente da sua nacionalidade ou etnia, um dia se achegarão a Deus pela fé.

5. O panorama étnico do mundo do Novo Testamento

5.1. O mundo greco-romano

- Os 400 anos do período inter-testamentário foram marcados por eventos turbulentos que causaram um grande impacto na composição étnica do mundo no período do NT.
- O império persa, que dominou o mundo no final do período do AT, havia sucumbido às conquistas de Alexandre o Grande, que em poucos anos unificou toda a região entre a Macedônia e a Índia com a cultura e a língua gregas. Porém, era o império romano quem dominava o mundo mediterrâneo e boa parte do Oriente Próximo no período do NT.
- Tradicionalmente, os comentaristas bíblicos tendem a desconsiderar a diversidade étnica do mundo do NT, dando importância somente à cultura greco-romana e à diáspora judaica. Inconscientemente, consideram a existência de somente dois grandes grupos étnicos: judeus e gentios greco-romanos. Ocasionalmente incluem ainda um terceiro grupo: os “bárbaros”. Embora os escritores do NT se refiram genericamente a “judeus, gregos e bárbaros”, o NT reflete a realidade de numerosos povos e grupos étnicos diferentes em suas páginas, como por exemplo em Atos 2 e em várias epístolas.
- A maioria dos destinatários das epístolas do NT não era nem grega e nem romana, embora muitos falassem o grego como sua segunda língua. Embora existisse uma cultura greco-romana, cuja inclusão se dava pela educação e não por nascimento, nunca existiu uma etnia greco-romana. Foi o orador grego Isócrates (436-338 aC) quem disse a famosa frase: “O nome *helênico* sugere não uma raça, mas uma inteligência, e o título *grego* aplica-se mais ao que compartilha a cultura grega do que ao que tem laços de sangue”.
- As pessoas educadas e instruídas do império romano viam o resto do mundo sob duas categorias: gregos e bárbaros. O termo “grego” de fato era usado para uma comunidade de vários povos que falavam a mesma língua e abraçavam certos aspectos da mesma cultura. Esses “gregos” desdenhavam os “bárbaros” e os viam com bastante preconceito.
- Contudo, a assimilação da cultura greco-romana era fundamentalmente um fenômeno urbano e das elites e não se manifestava claramente no interior das províncias romanas. As populações rurais mantinham suas línguas, religiões, costumes e valores.
- Mesmo dentro deste contexto da cultura greco-romana, as cidades do mundo do NT experimentaram uma significativa miscigenação étnica. Vários fatores contribuíram para isso: a) a *Pax Romana*, que criou condições para o desenvolvimento do comércio e comunicação com a África, a Bretanha, a Índia e até mesmo a China; b) as carreiras militares no exército romano, que permitiram que um grande número de soldados estrangeiros obtivesse a cidadania romana e se aposentasse com 25 anos de serviço nas regiões onde serviram, onde geralmente se casavam com as mulheres locais; c) o grande número de escravos que eram deslocados por todo o império, que geralmente não se isolavam em guetos étnicos, mas que eram absorvidos na cultura greco-romana; d) gregos e romanos étnicos que imigravam para outras regiões do império.

5.2. A diáspora judaica

- Em duas ocasiões distintas no VT os judeus foram transportados para fora da Palestina: pelos assírios em 722 aC (II Rs. 17) e pelos babilônios em 587 aC (II Rs. 25).

- Durante o império persa sua dispersão continuou, algumas vezes voluntária e outras forçada. Na época de Alexandre o Grande os judeus residiam em quase todas as regiões do recém-conquistado império persa. Quando o império de Alexandre se dividiu, após a sua morte, entre os seus generais (ptolomeus e selêucidas), muitos judeus que residiam na Babilônia foram deslocados para a Ásia Menor. Antíoco III assentou 2000 famílias judias na Lídia e na Frígia, ao passo que Ptolomeu deportou milhares de judeus para Alexandria, no Egito.
- Estima-se que na época de Cristo, Alexandria teria cerca de 150.000 judeus, a maior população judia fora da Palestina. Um número expressivo de judeus vivia também em Roma e em Cirene. Calcula-se que dois terços dos judeus vivam fora da Palestina no tempo do NT, o que corresponderia a 7% da população do império romano.
- Ao contrário de outros grupos étnicos espalhados pelo império romano, os judeus não assimilaram a cultura greco-romana. Adotaram o grego ao invés do aramaico como sua primeira língua e houve um certo grau de casamentos inter-raciais, mas em geral preservaram suas tradições religiosas e éticas.
- Enquanto os gregos do período do NT dividiam o mundo em “gregos” e “bárbaros”, baseados em educação e cultura, os judeus dividiam o mundo em “judeus”, uma distinção étnica, “gregos” e “bárbaros”, uma distinção educacional e cultural.
- Dentro do judaísmo os samaritanos têm um papel importante nas tensões étnicas. Sua origem data da conquista do reino do norte (Israel) pelos assírios em 722 aC., quando os judeus foram deportados para outras regiões do império assírio e substituídos por populações de outras etnias (II Rs 17). Estes povos reassentados misturaram o culto a Javé com as suas divindades pagãs, sendo por isso desprezados pelos judeus do reino de Judá e criando uma base de relacionamento conflituosa, como é evidente em vários textos do NT.

5.3. A África Negra

- A civilização cuxita, também conhecida como etíope ou meroítica em seus períodos mais recentes, floresceu ao sul do Egito e ao longo do rio Nilo desde 2000 aC. até cerca de 400 dC. Referências aos cuxitas são encontradas tanto nos textos hebraicos do VT quanto na literatura egípcia e assíria.
- Os gregos chamavam de Etiópia toda a região ao sul do Egito, o que não corresponde à localização da moderna Etiópia. Os romanos usavam o termo Núbia, provavelmente derivado da tribo Noba, que habitou a região conhecida anteriormente como Cuxe. A maior parte do contato que gregos e romanos tiveram com a África Negra foi através do reino de Meroe, os descendentes dos cuxitas. Portanto, o termo Etiópia, usados pelos escritores clássicos gregos e romanos, pode ser considerado sinônimo de Cuxe, Meroe ou Núbia.
- Na Septuaginta, tradução do AT hebraico para o grego koiné entre os séculos 3 e 1 aC., a palavra hebraica *cush* foi traduzida por Etiópia. Os escritores do NT também usaram o termo grego *Aithiops* para designar o povo que vivia ao longo do Nilo ao sul do Egito.
- O reino de Meroe manteve sua independência durante todo o período greco-romano. Quando Alexandre o Grande conquistou o Egito em 332 aC ele não avançou além das cataratas do Nilo no território dos etíopes. Mesmo com a ascensão da dinastia ptolomaica após a morte de Alexandre, e depois com os romanos, os meroítas mantiveram sua autonomia.
- Os primeiros três séculos da era cristã foram um período de prosperidade para o reino de Meroe. Havia emissários, comerciantes, soldados, escravos e ex-escravos etíopes por toda a sociedade romana. Muitos etíopes eram educados e provavelmente falavam grego e latim. O eunuco etíope de At. 8 possivelmente lia Isaías na tradução grega do VT, a Septuaginta.

5.4. A população norte-africana

- Por volta do primeiro século da era cristã, o norte da África era habitado por um conjunto de etnias a que os antigos egípcios chamavam “líbios” e falavam uma língua de origem afro-asiática chamada “berbere”. Praticamente não haviam árabes no norte da África no período do NT. Durante o domínio romano da

África do norte, essas etnias eram chamadas coletivamente de “berberes” pelos romanos, em alusão ao latim “bárbaros”.

- A chegada dos fenícios no norte da África no século 8 aC resultou no estabelecimento de uma colônia bastante poderosa econômica e militarmente chamada Cartago, que se localizava onde hoje é a atual Tunísia e que chegou a desafiar o poderio grego e depois o romano pelo controle do Mediterrâneo Ocidental, chegando mesmo a invadir a Itália com Aníbal no séc. 3 aC.
- Outra cidade importante do norte da África durante o período do NT foi Cirene (na atual Líbia), fundada pelos gregos no séc. 7 aC. O sucessor de Alexandre o Grande no Egito, Ptolomeu I, tomou Cirene em 322 aC e assentou ali vários judeus deportados da Palestina.
- Com a chegada do cristianismo nos primeiros séculos muitos berberes abraçaram a nova fé, ao ponto de haver 600 bispos no norte da África por volta do quarto século. Muitos pais da igreja surgiram nesta região, como Tertuliano, Cipriano e Agostinho, cuja mãe era berbere.
- O norte da África foi conquistado pelos vândalos em 429 dC e depois pelos bizantinos em 533. Finalmente os árabes chegaram no séc. 7 influenciando decisivamente a região. Embora esta região tenha sido ocupada ao longo da história por diferentes nações (fenícios, gregos, romanos, bizantinos e árabes), os berberes ainda mantêm sua identidade cultural por meio da língua berbere, falada hoje por quase 70 milhões de pessoas. Atualmente vivem no Marrocos, Argélia, Líbia, Tunísia e no Saara (tuaregues, os nômades do deserto).

5.5. Anatólia (celtas e outros)

- O termo “Anatólia” refere-se à região compreendida pela moderna Turquia, desde o Mediterrâneo e o Mar Negro até o Eufrates e o deserto da Síria, sendo mais ou menos equivalente ao termo “Ásia Menor”.
- Essa região era habitada por um conjunto de etnias, coletivamente denominadas de “celtas”, que durante o primeiro milênio aC se estendia também por quase toda a Europa.
- A Anatólia tem uma história rica e complexa. Foi habitada pelos hititas entre os séculos 15 e 12 aC. Depois pelos frígios até o séc. 7 e depois disto pelos persas. Por volta do primeiro século aC haviam várias colônias gregas importantes ao longo da costa mediterrânea da Anatólia. No ano 25 da era cristã os romanos criaram a província da Galácia, juntamente com outras na Ásia Menor: Ásia, Frígia, Bitínia, Licaônia, Capadócia e Ponto.
- A história do NT desenrolou-se, portanto, num mundo caracterizado por uma grande diversidade étnica. Foi neste cenário que Paulo e os demais apóstolos proclamaram o Evangelho.

6. A teologia da raça nos Evangelhos e em Atos

6.1. A teologia da raça em Mateus, Marcos e João

- O tema racial nos Evangelhos é abordado no sentido de mostrar que o plano de Deus não somente inclui que a mensagem da redenção vá até todas as nações, mas que todas as nações se reúnam juntas em torno do evangelho para formar um único povo em Cristo.
- Embora este tema seja apresentado de modo mais detalhado e contundente em Lucas, os demais Evangelhos tratam dos aspectos mais universais da salvação sendo oferecida a todas as nações.
- Mateus, Marcos e João conectam essa mensagem tanto à promessa abraâmica (Gn 12:3, 22:18, 26:4) quanto ao cenário escatológico apresentado por Isaías (Is 66:18-23).
- Mateus começa apresentando a linhagem de Jesus a partir de Abraão (Mt 1:1-2), numa alusão à bênção de Deus a todas as famílias da terra, e termina com a Grande Comissão, a ordem divina para que o evangelho seja pregado a todas as nações (Mt 28:18-20).
- O tema da missão aos gentios é recorrente em Mateus, sendo que um dos mais expressivos narra a demonstração de fé do centurião romano (Mt 8:5-12).
- A questão racial também é evidente na genealogia de Jesus apresentada por Mateus. Nela aparecem quatro mulheres não judias: Tamar (Mt 1:3), Raabe (Mt 1:5), Rute (Mt 1:5) e Bate-Seba (Mt 1:6). Genealogias antigas dos judeus normalmente não incluíam mulheres, o que torna a genealogia de Mateus

bastante atípica. Se Mateus quisesse apenas incluir mulheres em sua genealogia, poderia ter incluído Sara, Rebeca ou alguma outra matriarca respeitável. Todas essas quatro mulheres não são judias e três ficaram conhecidas no texto bíblico por algum tipo de escândalo. Tamar e Raabe eram cananeias e Rute era moabita, mas a origem de Bate-Seba é desconhecida. Portanto, sua inclusão por Mateus foi proposital.

- A inclusão dessas mulheres na genealogia de Jesus deve ter sido chocante para os leitores judeus da época, que geralmente encaravam as genealogias como uma forma de demonstrar a “pureza racial” de uma determinada linhagem.
- Possivelmente Mateus queria aludir com isso a missão aos gentios (Mt 2:1-2, 24:14, 28:19), lembrando aos discípulos a sua responsabilidade de cruzar as fortes barreiras raciais e culturais de seu tempo para proclamar a salvação em Jesus.
- E uma forma eficiente de cruzar essas barreiras seria através de casamentos inter-raciais. Mateus se dirigia a uma igreja formada por judeus e gentios e é bem provável que nesta igreja ainda houvesse relutância por parte das famílias judias em aceitar gentios cristãos através de casamento.
- No Evangelho de Marcos a alusão às demais nações não é tão pronunciada. Um texto mais relacionado à questão racial acha-se em Mc 11:17. Mas o texto de Mc 7:24-30 narra, com detalhes não fornecidos por Mateus, um incidente que traz à tona a questão racial no contexto do separatismo judaico.
- Em João o tema volta a ser demonstrado. O encontro de Jesus com a mulher samaritana, narrado no capítulo 4, é emblemático e estabelece um padrão de evangelismo transcultural, onde os samaritanos o reconhecem como “o Salvador do mundo” (Jo 4:39-42).
- Jesus também faz referência às suas “outras ovelhas” (Jo 10:16), numa clara alusão aos gentios. A inclusão de todos os povos no reino de Deus também fica implícita em Jo 12:20-23, quando Jesus diz aos gregos que foram conhecê-lo que havia chegado a hora dele ser glorificado, reconhecendo que seu ministério terreno estava atingindo o clímax.

6.2. A teologia da raça como abordada por Lucas

- Lucas conecta firmemente a sua teologia à promessa feita a Abraão (Gn 12:1-3) e depois amplificada pelos profetas. O cumprimento da promessa de Deus a Abraão é a essência da mensagem de Lucas aos seus leitores gentios.
- O nome de Abraão aparece 22 vezes em Lucas, a começar pelo cântico de Maria (Lc 1:54-55). O sacerdote Zacarias também relaciona a vinda do Messias à promessa feita a Abraão (Lc 1:72-73). Em At 3:25 Pedro cita diretamente a promessa de Deus a Abraão. Simeão também declara a universalidade da salvação (Lc 2:30-32). O tema volta a ser apresentado por Jesus imediatamente antes da sua ascensão (Lc 24:46-47), antecipando o que aconteceria logo depois no livro de Atos, quando o evangelho de fato começou a ser proclamado a todas as nações.
- Logo no início de seu ministério Jesus tem a primeira oportunidade de desafiar o etnocentrismo de sua nação, mostrando uma concepção inesperada do Messias e do Reino de Deus (Lc 4: 14-30). Os judeus entenderam o propósito de Jesus ao contar essas duas histórias e suas implicações (Lc 4:28-30). Jesus demonstrou que o reino que ele estava trazendo era etnicamente diferente do que os judeus esperavam.
- Em Atos o tema da universalidade do evangelho é ainda mais intenso, a começar em At 1:8 com a ordem de Jesus. Juntos, Lc 24:47 (todas as nações) e At 1:8 (confins da terra), indicam a abrangência étnica e geográfica do evangelho.
- Em Lc 24:47, a palavra traduzida por nações (*ethné*) ocorre 56 vezes somando Lucas e Atos. É a palavra grega utilizada na Septuaginta para traduzir o termo “nações” em Gn 10, quando as nações foram dispersas. Para os judeus de fala grega no NT, *ethné* era a designação geral para todos os povos não judeus (gentios), o que traz uma conotação levemente depreciativa.
- É importante ressaltar a operação do Espírito Santo na transmissão transcultural do evangelho (At 1:8). O Pentecoste (At 2) é o rápido cumprimento da promessa de Jesus na capacitação dos discípulos a serem testemunhas até os confins da terra, transcendendo as barreiras raciais, nacionais e linguísticas. Haviam

muitas nações representadas em Jerusalém naquela época (At 2:5, 9-11). O Pentecoste é encarado por muitos teólogos (inclusive John Stott) como o reverso da Torre de Babel (Gn 11) e como a antecipação de Ap 7:9.

6.3. Cruzando a fronteira de Samaria

- Para Lucas, os samaritanos possuem um papel importante na expansão do evangelho, pois foi o primeiro teste do evangelho cruzando barreiras étnicas. Samaria ou samaritanos são citados seis vezes no total (Lc 9:51-56, 10:30-35, 17:11-19; At 1:8, 15:3), contra somente uma em Mateus (Mt 10:5) e uma em João (Jo 4).
- O ódio dos judeus pelos samaritanos foi crescente ao longo dos séculos, até atingir o auge no primeiro século da era cristã. Contribuíram para isso dois episódios registrados por Josefo. O primeiro durante o governo de Copônio, governador romano da Judéia entre 6 e 9 dC. Durante a Páscoa judaica, alguns samaritanos se infiltraram secretamente a grupos de peregrinos judeus e espalharam ossos humanos no templo de Jerusalém. Um pouco mais tarde, em 51 dC, moradores da vila samaritana de Giné assassinaram alguns peregrinos judeus que se dirigiam para Jerusalém na Páscoa. Os judeus apelaram para os romanos, mas foram ignorados. Então uma horda furiosa de judeus foi até a vila e massacrou todos os seus habitantes. Os romanos prenderam e executaram vários dos envolvidos.
- O massacre de Giné ocorreu depois de Jesus ter contado a parábola do bom samaritano (Lc 10:25-37), mas antes de Lucas ter escrito seu evangelho e o livro de Atos, e serviu de contexto para Lucas escrever sobre esse grupo humano.
- Jesus ordenou aos seus discípulos que a expansão do evangelho pelo mundo incluísse os samaritanos (At 1:8). A frase utilizada por Jesus “em toda Judéia e Samaria” tem forte conotação étnica. Se Jesus quisesse dar uma conotação geográfica às suas palavras teria provavelmente dito “em toda Judéia e Galileia”.
- A proclamação do evangelho aos samaritanos feita por Filipe (At 8:4-5), Pedro e João (At 8:25) deve ter sido um difícil passo transcultural, só vencido no poder do Espírito. A animosidade entre judeus e samaritanos era uma das mais rígidas fronteiras étnicas do judaísmo.
- Na parábola do bom samaritano (Lc 10:25-37) Jesus chocou os seus ouvintes ao colocar um desprezado samaritano como o herói da parábola. Essa parábola contrasta fortemente com algumas estórias judias, em que rabinos piedosos ajudam ora um leproso, ora um romano naufragado. Para Jesus, amar o próximo significa ser capaz de transcender barreiras raciais, culturais e sociais, representadas pela distância que havia entre o sacerdote e o levita da parábola em relação ao samaritano.

6.4. O eunuco etíope

- Logo após Filipe ter proclamado o evangelho entre os samaritanos, ele é conduzido pelo Senhor a encontrar-se com um oficial etíope que voltava para seu país numa carruagem, enquanto lia o profeta Isaías (At 8:26-39).
- No período do NT o reino de Cuxe era conhecido como Meroe. Rainhas costumavam assumir o poder em Meroe. O nome Candace pode ser a tradução grega da palavra meroítica “rainha”, sendo portanto um título e não um nome próprio.
- O termo “eunuco” pode designar tanto um homem castrado como um oficial de alta patente militar. Lucas usa esse termo cinco vezes. Se este homem era de fato um eunuco, ele estava automaticamente excluído do judaísmo, mesmo como um prosélito (Dt 23:1).
- Não se sabe ao certo como teria sido o primeiro contato do etíope com o culto a Deus. Em 590 aC os egípcios estabeleceram uma colônia de mercenários judeus na ilha de Elefantina, no Nilo. para protegê-los dos cuxitas. Possivelmente os cuxitas tiveram contato com esses judeus e com o judaísmo. Também durante o reino de Meroe, os cuxitas eram um povo instruído e tinham acesso à literatura de outros povos de sua época.

- O verbo utilizado pelo etíope quando pediu para ser batizado (*koluo*, At 8:36) significa impedir, proibir, estorvar, indicando que ele sabia das restrições físicas e raciais a que estava sujeito como eunuco e estrangeiro.
- Há várias similaridades entre esse episódio narrado por Lucas e a história de Ebede-Meleque (Jr 38:1-13) durante o cerco de Jerusalém. Em ambas aparece um oficial etíope identificado como eunuco, que crê na mensagem profética numa época em que Jerusalém a rejeita. Nas duas situações, esses dois indivíduos africanos desempenham funções semelhantes: são exemplos da misericórdia de Deus ao permitir que estrangeiros creiam no Senhor, em meio ao descrédito e oposição aberta que os judeus fazem aos mensageiros de Deus.
- O oficial etíope creu, foi batizado e retornou à Etiópia ainda antes da conversão de Cornélio (At 10), que simbolizava o mundo romano. Ou ainda antes do chamado de Paulo para introduzir o evangelho na Europa (At 16:9-10). Portanto, um negro africano foi o primeiro estrangeiro sem raízes com o judaísmo convertido após a ascensão de Jesus, praticamente inaugurando as missões mundiais pela igreja. Foi o primeiro encontro evangelístico descrito em detalhes da história da igreja, preparando o cenário para a expansão que o evangelho teria nos anos seguintes e reafirmando a natureza multiétnica e multicultural do que viria a ser o corpo de Cristo.
- Embora não saibamos o que aconteceu como este oficial quando retornou à Etiópia, há registros históricos que mostram que o cristianismo estava firmemente estabelecido na Etiópia por volta do quarto século, como também na Abissínia (atual Etiópia) e por toda a costa do norte da África.

6.5. Simeão chamado Níger

- Em Atos 13:1 Lucas registra a presença de alguns mestres e profetas na igreja de Antioquia. Possivelmente o propósito desta lista era destacar a atuação que Barnabé e Saulo, que enquadravam a lista, teriam na missão evangelizadora desta igreja. Mas os três outros nomes mostram a preocupação de Lucas em descrever a igreja de Cristo como multiétnica e culturalmente diversa.
- O mestre-profeta Simeão era também conhecido pelo seu apelido latino “Níger”, que significa negro. Embora seja difícil tirar muitas conclusões a partir deste apelido, é muito provável que Simeão fosse um negro e tivesse origem africana.
- A presença de um africano na igreja de Antioquia não era um fato estranho, já que africanos da região de Cuxe/Meroe/Etiópia estavam presentes em todo o mundo antigo durante o período bíblico. No primeiro século havia mercadores, diplomatas e soldados meroítas por todo o império romano. Soldados africanos serviam como tropas auxiliares no exército romano e também poderiam se aposentar e se estabelecer em qualquer parte do império. Portanto, não é surpreendente encontrar um negro africano numa cidade cosmopolita como Antioquia da Síria no primeiro século.
- A menção de um negro africano na liderança da igreja de Antioquia tem significado teológico para Lucas. O autor faz questão de mostrar que não somente o evangelho estaria sendo pregado a estrangeiros de todas as nações, mas que estrangeiros crentes também deveriam ser integrados na vida da igreja, o novo povo de Deus. O caráter multiétnico e multicultural da igreja deveria se manifestar não somente na sua membresia, mas também na sua liderança.
- A notável presença de negros africanos como membros ou líderes na igreja já na metade do primeiro século derruba o argumento aceito durante muitos séculos de que o cristianismo só chegou à África Negra por meio da colonização européia e da escravidão.
- Lucas procura demonstrar em seu evangelho e no livro de Atos que a conversão a Cristo demanda não somente a proclamação do evangelho a todas as pessoas, de todas as raças e culturas, mas também que atitudes preconceituosas e culturalmente equivocadas, típicas do velho homem, sejam definitivamente abandonadas.
- Nossas atitudes e ações em relação àqueles que são étnica ou culturalmente diferentes de nós refletem a cultura preconceituosa que herdamos ou a aceitação amorosa dessas diferenças, que o Evangelho proclama e o Espírito capacita?

7. A teologia da raça em Paulo e no Apocalipse

7.1. Romanos: o Deus de todas as nações

- Em Romanos 3:27-31, um dos argumentos de Paulo sobre a justificação divina é importante para desmontar raciocínios de natureza racista ou etnocentrista.
- A base do argumento de Paulo é que Deus é um só, portanto age de uma maneira só em relação a judeus e gentios, justificando todos por meio da fé (Rm 3:29-30). Portanto, Deus é Deus de todas as nações. Gentios neste texto significa todos os tipos de grupos étnicos ou raciais.
- Existem quatro profundas implicações neste raciocínio de Paulo. Primeiro, Paulo deixa implícito que foi Deus quem criou e deu origem às nações e isto a partir de um único homem, um raciocínio que Paulo expande em At 17:26 (povos=ethnos). Os atenienses se gabavam de ser um povo autóctone, não originário a partir de imigrações de povos de outros locais, como se seus ascendentes tivessem brotado da terra.
- Segundo, como Deus é o Deus de todas as nações, Ele redimirá pessoas para si mesmo de todas as nações, evocando a promessa abraâmica (Rm 4:16-17). A eleição de Israel, num primeiro momento, visava a inclusão de todas as nações na bênção de Abraão.
- Terceiro, como Deus é o Deus de todas as nações, Ele preparou um caminho de justificação que é o mesmo para todos os povos: pela fé em Jesus. A universalidade do evangelho não significa que todas as pessoas de todos os povos serão salvas. A oferta é universal, mas a decisão é individual.
- Quarto, como o Deus de todas as nações, Ele deseja ser conhecido por todas as nações (Sl 96:1-4).

7.2. Gálatas: nem judeu, nem grego

- Embora textos demonstrando a igualdade racial se encontrem por todo o NT, os mais fortes e diretos encontram-se nas cartas de Paulo aos Gálatas, Colossenses e Efésios, e no livro do Apocalipse.
- Paulo escreveu aos Gálatas em resposta à influência negativa dos cristãos judaizantes que haviam chegado à Galácia e que estavam tentando corrigir o evangelho de Paulo adicionando elementos do judaísmo para os crentes gentios seguirem.
- O base do argumento paulino era a “justificação pela fé”, pois uma vez que essa doutrina fosse entendida, a condição igual de todos os homens em Cristo, pela fé, também se tornaria clara.
- A falta de compreensão desta doutrina também tem efeitos sociais na igreja, pois se a igreja não pratica a igualdade e unidade de todos os homens em Cristo, implicitamente ela comunica que a justificação não é pela fé somente, mas também pela raça, condição social ou algum outro padrão humano.
- Esta visão é a mensagem central da epístola, transmitida em vários textos de Gálatas (Gl 2:11-21, 3:26-29). Qualquer manifestação de divisão étnica ou racial são desvios da verdade do evangelho.
- Os capítulos 3 e 4 formam o cerne da mensagem de Paulo, que em 3:8-9 lembra aos gálatas a promessa feita a Abraão (Gn 12:1-3). Paulo usa Abraão e a promessa de Deus de modo similar em Rm 4.
- Paulo insiste no argumento de que a inclusão e a bênção aos gentios não eram somente consequências da morte de Cristo, mas que estava na mente de Deus na promessa feita a Abraão.
- O uso do verbo “*proeuaggelizomai*” (Gl 3:8) indica que Paulo interpretava a promessa feita a Abraão como uma pregação antecipada do evangelho. A promessa a Abraão é um tema recorrente na Bíblia, vindo à superfície quando o escritor bíblico deseja destacar a universalidade do plano de Deus.
- Em Gl 3:14 Paulo resume o argumento desenvolvido em Gl 3:6-13, vinculando a promessa a Abraão à promessa do Espírito Santo. No início do capítulo 3 Paulo lembra aos seus leitores gentios que eles haviam recebido o Espírito pela fé e não pela Lei. Agora em 3:14 Paulo esclarece que a dádiva do Espírito Santo era o cumprimento da promessa feita a Abraão. Paulo apresenta a sua conclusão em Gl 3:26-29.
- Judeu x grego, escravo x livre, homem x mulher representam três importantes barreiras que dividem a sociedade humana: etnias ou cultura, condição social e sexualidade. Paulo não elimina as diferenças: gregos continuam sendo gregos, escravos continuam sendo escravos e mulheres continuam sendo

mulheres. O que deve ser eliminado são as barreiras formadas por essas diferenças e o valor e o tratamento discriminatório existente entre o povo de Deus baseados nestas diferenças.

- A ênfase de Paulo está muito mais na unidade do que na igualdade. Na verdade, igualdade muitas vezes é uma utopia perseguida com graves desvios e conseqüências, tanto para a sociedade como para a igreja. As diferenças étnicas, sociais e sexuais não deveriam determinar a regras de convivência entre cristãos.
- A teologia da raça defendida por Paulo ia de encontro às normas culturais e tradições de seus dias. Do mesmo modo, essa mesma teologia conflita com as normas e tradições culturais de nossos dias.
- Um cuidado na aplicação desta teologia em nossos dias é o tema da justificação pela fé que traz implicações sociais para o povo de Deus e não o contrário. Paulo não criticou as obras da Lei porque essa era a marca registrada do ensino dos judaizantes, mas porque elas se colocavam em contraste com a fé.
- Gálatas 2:11-14 aborda um incidente que revela a dificuldade de colocar em prática o amor e a comunhão entre irmãos em meio às tensões geradas pelas diferenças étnicas e culturais na igreja.
- Quando Pedro foi visitar a igreja de Antioquia, convivia naturalmente com os convertidos gentios, participando com eles das refeições. Mas quando chegaram alguns irmãos da igreja de Jerusalém, em cuja visão teológica a circuncisão ainda era uma necessidade, Pedro afastou-se dissimuladamente dos gentios, passando a evitá-los, pois temia ser mal interpretado pelos que eram da circuncisão.
- Essa atitude hipócrita contaminou até Barnabé e os demais judeus que estava com eles, provocando uma dura reação por parte de Paulo. O comportamento de Pedro e os outros comunicava aos irmãos gentios que sua fé em Cristo não era suficiente para serem aceitos por Deus e pela comunidade dos salvos.
- Qual é a base da nossa identidade como indivíduos? Até que ponto o nosso senso de identidade está baseado no evangelho de Cristo e até que ponto em outros fatores? Observamos as diferenças inevitáveis entre as pessoas e nos sentimos superiores em relação a algumas delas?

7.3. Colossenses: nem bárbaro nem cita

- A teologia da raça de Paulo se expressa em Cl 3:11, que é bastante similar a Gl 3:28.
- Em Colossenses, Paulo amplia a questão racial de Gálatas, trazendo-a de um contexto étnico (judeu x grego), para um contexto sócio-cultural (bárbaro e cita).
- Na aula 5 vimos como as pessoas helenizadas dividiam o mundo no primeiro século: gregos, judeus e bárbaros. Bárbaros eram todos os que não falavam grego ou não viviam de acordo com as normas culturais greco-romanas.
- Ao incluir os bárbaros no seu argumento em prol da unidade da igreja, Paulo indica que mesmo no primeiro século havia dentro da igreja um preconceito racial e cultural que deveria ser abolido.
- Ao usar o termo “cita” Paulo deixa seu propósito ainda mais claro. Os citas eram tribos nômades que vivam na região do Mar Negro, sendo consideradas pela elite urbana do mundo greco-romano como a personificação da barbárie. Paulo pretendia intensificar o conceito de bárbaro usando os citas como exemplo.
- Paulo está desafiando o pensamento corrente do preconceituoso mundo greco-romano e dizendo à igreja que estas barreiras não deveriam existir no meio do novo povo de Deus. Em Cristo não pode haver barreiras e divisões – raciais, culturais, sociais – entre seres humanos.
- O contexto de Cl 3:11 também é importante. O versículo 11 é a conclusão dos versículos de 5-10. Nesta passagem Paulo descreve as características do velho homem que deveriam ser descartadas pelos crentes. Portanto, o apelo à destruição das barreiras sociais e culturais é apresentado num contexto de exortação para que os cristãos deixem seus velhos hábitos de vida. Preconceitos e divisões pertencem ao velho homem e são parte da cultura mundana que herdamos na carne. O novo homem deve abandonar essas coisas, juntamente com todas as outras listadas nos versículos 5 a 10.
- Que atitudes são equivalentes hoje na igreja à divisão apresentada por Paulo em Cl 3:11?

7.4. Efésios: unidade na Igreja

- O tema central da epístola aos Efésios é a unidade da Igreja. O texto-chave é Ef 2:11-22 e a essência do argumento é apresentada em Ef 2:14-16. Essa é uma das passagens da Bíblia com maiores implicações não só para a harmonia entre as raças, mas também para o entendimento do plano de Deus na formação de seu povo remido.
- O argumento de Paulo começa demonstrando que os gentios estavam completamente alienados de Deus (Ef 2:11-12) e termina descrevendo a conciliação entre cristãos judeus e gentios (Ef 2:19-22). O caminho único percorrido por judeus e gentios nesta reconciliação mútua e com Deus é o sangue de Cristo (Ef 2:13-14). O objetivo de Deus era unir dois homens, duas condições humanas, em um novo homem em Cristo, colocando-os em um mesmo corpo e em um mesmo Espírito (Ef 2:15-18).
- Paulo considerava esta revelação um “mistério” (Ef 3:1-3), o que nos dá uma ideia de quão radical e chocante essa realidade espiritual deveria ser para a etnocêntrica sociedade judaica, mesmo para os convertidos a Cristo. A divisão e a hostilidade étnica entre judeus e gentios não era algo superficial, mas complexa e profunda. Era uma divisão religiosa, cultural, social e racial.
- Para Paulo, a cruz produziu não somente uma unidade orgânica entre os membros do corpo de Cristo, mas também eliminou a hostilidade entre eles, reconciliando-os uns com os outros. Uma boa parte das hostilidades existentes entre membros do corpo de Cristo consiste na valorização das diferenças, sejam elas quais forem.
- De que maneira o apego às diferenças pode alimentar hostilidades entre irmãos?

7.5. Apocalipse: de toda tribo, língua, povo e nação

- O grande tema da conversão das nações surge logo no início do Apocalipse (Ap 1:7), com o uso de uma expressão comum em Gênesis e outras partes da Bíblia: “todos os povos da terra”.
- Os redimidos de todas as nações entoarão um cântico novo de gratidão pelo sacrifício de Jesus (Ap 5:9). Esse texto está relacionado a Dn 7:13-14. É importante notar que o texto não diz que Cristo comprou todas as pessoas de todas as tribos, línguas, povo e nação. A maneira como o texto grego está escrito põe a ênfase na origem desta compra: gente *de* toda tribo, povo, língua e nação, e torna a escolha de Deus intencional e proposital.
- A intenção e o propósito de Deus ao comprar gente de todos os povos da terra é permitir que reinem e o sirvam juntos (Ap 5:10). Isso pressupõe que todos estarão vivendo em harmonia, unidade e amor, uma realidade bem diferente da que existe hoje. O preço para isso foi alto – “com o teu sangue” – e a compra foi feita “para Deus”, para sua honra e glória.
- A mensagem central destas passagens é que a consumação do plano de Deus para a humanidade inclui a reversão do julgamento proferido em Gênesis para aqueles que confiam em Cristo. A maldição é removida e aqueles antes dispersos (de toda tribo, língua, povo e nação) são agora trazidos juntos para o reino do Cordeiro, para desfrutar das bênçãos prometidas a Abraão em Gn 12:1-3.
- As expressões-chave do caráter multiétnico da humanidade que será protagonista do final da história humana (tribo, língua, povo e nação) aparecem sete vezes no Apocalipse (5:9, 7:9, 10:11, 11:9, 13:7, 14:6 e 17:15), em ordens diferentes nesses textos. Somente nas duas primeiras citações essas expressões referem-se àqueles que foram redimidos pelo Cordeiro. As outras cinco referem-se às nações e povos da terra em geral.
- O povo de Deus procedente de todas as nacionalidades é citado novamente no clímax final da história. Na Nova Jerusalém, a glória de Deus iluminará as nações (Ap 21:23-24) e as folhas da árvore da vida as curará (Ap 22:2).
- Mesmo sem entrar nos detalhes escatológicos de Apocalipse, é um fato que o povo remido de Deus será reunido dentre os diferentes povos da terra. Será uma comunidade multiétnica, multicultural e multilinguística, reunida para louvar a Deus em sua presença.
- Porque nossas igrejas diferem tanto hoje em sua composição, em comparação à congregação descrita no livro de Apocalipse? Precisamos trabalhar em direção àquele ideal.

8. Lidando com o preconceito, discriminação e racismo

8.1. Um problema latente

- Embora vivamos num país formado por várias etnias e termos sido ensinados de que não existe discriminação racial no Brasil, o fato é que esse é um problema latente em nossa sociedade.
- Nunca passamos pelas crises sociais vividas por outros países neste aspecto, mas ainda assim o tema não pode ser descartado facilmente do nosso meio.
- Expressões e atitudes racistas e discriminatórias sempre existiram em nosso meio e o advento da Internet parece ter retirado o freio inibitório, facilitando algumas dessas manifestações.
- Os movimentos migratórios modernos, causados pela guerra, fome, pobreza, perseguição, tendem a aumentar as oportunidades para que tensões e conflitos étnicos pipoquem pelo mundo afora, incluindo o Brasil.
- Numa reportagem publicada na Revista da FAPESP em outubro deste ano, as pesquisadoras da Unicamp, Roberta Peres e Rosana Baeninger, concluíram que a onda migratória ocorrida nos últimos 10 anos no Brasil contraria a expectativa forjada em nossa história, a de encarar o imigrante como alguém branco e europeu (p. ex. italianos).
- Nessa mesma reportagem, o historiador Fábio Koifman, da Universidade Federal Rural Fluminense, relembra o projeto de branqueamento da população brasileira estabelecido por Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1930-1945). Os imigrantes desejáveis pelo governo brasileiro naquela época deveriam ser “brancos, católicos e apolíticos, de preferência portugueses de baixa escolaridade, sem ‘ideias dissolventes’, como as que tinham grupos intelectualizados da Alemanha, França e Áustria, entre outros países”. Segundo esse historiador, o governo de Getúlio Vargas estabeleceu cotas de imigração, restringindo a entrada de orientais, pois acreditava que o desenvolvimento brasileiro estava relacionado à má formação étnica da nação. Com a entrada de imigrantes brancos, em 50 anos o Brasil se transformaria numa sociedade mais desenvolvida.
- Desde 2011, o número de refugiados no Brasil dobrou, chegando a mais de 8.500 em setembro deste ano. Existem refugiados de cerca de 80 nacionalidades que vivem no Brasil, sendo os sírios quase um quarto desse total, seguidos pelos colombianos, angolanos, congoleses e libaneses. Há mais de 12.600 pedidos de refugiados sendo analisados pelo governo atualmente.
- Depois do que aprendemos neste curso, precisamos nos examinar a nós mesmos, à luz da Palavra e sob a orientação do Espírito Santo, para detectar possíveis sentimentos e atitudes associados a este pecado.

8.2. O perigo da parcialidade

- Parcialidade é basear o tratamento de uma pessoa em alguma coisa que não deveria ser a base deste tratamento. Este assunto é trazido à tona no relacionamento da igreja em Tiago 2:1-13. Riqueza ou pobreza não deveria ser a base do tratamento entre as pessoas.
- Embora a parcialidade não esteja diretamente relacionada com os problemas étnicos e raciais, existe uma raiz comum unindo essas questões de relacionamento. A mesma palavra grega é utilizada em Tiago 2:1-13 (contexto de condição social) e em Romanos 2:11 (contexto étnico/racial).
- A parcialidade revela um coração que julga baseado em maus pensamentos (Tg 2:4). Não estamos em condição de julgar e ainda mais com maus pensamentos.
- Agir com parcialidade para com os ricos despreza a escolha que Deus fez pelos pobres (Tg 2:5). Se temos vergonha dos pobres, então temos vergonha de Deus, pois Deus não se envergonha de escolher o pobre.
- A parcialidade desonra as pessoas que foram criadas à imagem de Deus (Tg 2:6, 3:9).
- A parcialidade para com os ricos pode reverter em prejuízo para quem a pratica (Tg 2:6-7).
- A parcialidade é um pecado que revela falta de amor e misericórdia ao próximo (Tg 2:8-9, 12-13).
- A parcialidade é incompatível com uma vida de fé em Jesus (Tg 2:1).

8.3. Estereótipo, preconceito, discriminação e racismo

- A habilidade de rápida e automaticamente distinguir ou categorizar entre “amigos” e “inimigos” é útil para a sobrevivência do indivíduo e é uma qualidade fundamental da mente humana. É incorporada ao longo do nosso desenvolvimento e moldada pelas diferentes experiências de vida.
- Categorias nos ajudam a ordenar e organizar a nossa vida. Todos os dias, de modo consciente ou inconsciente, categorizamos pessoas baseados em algumas de suas características. Este comportamento instintivo em nós é a base dos estereótipos, preconceitos e discriminações.
- Estereótipos são generalizações ou pressupostos que fazemos sobre o comportamento ou as características dos outros (aparência física, roupas, cultura etc), muitas vezes sem ter conhecimento de fato sobre as pessoas ou grupos que rotulamos. Podem ser baseados em imagens veiculadas pela mídia ou impressões passadas pelos pais, amigos ou outros formadores de opinião. O termo vem do grego *stereos* (firme) e *typos* (impressão): uma “impressão sólida”. Estereótipos podem ser positivos ou negativos.
- Preconceito é uma opinião, um julgamento, um juízo pré-concebido ou atitude em relação a um grupo ou seus membros individuais. O preconceito geralmente é dirigido às pessoas que não pertencem ao nosso grupo. Também pode ser positivo ou negativo, embora no uso comum denote uma atitude negativa de natureza social, racial, sexual ou religiosa.
- A escala de preconceito de Allport, desenvolvida pelo psicólogo americano Gordon Allport (1897-1967) na sua obra *A natureza do preconceito* (1954), mede o preconceito existente em uma sociedade em relação a diferentes grupos sociais.
- Discriminação é um comportamento que trata desigualmente as pessoas pelo fato delas pertencerem a determinado grupo e manifesta-se sob diversas formas (hostilidade, indiferença, imposição de dificuldades, maledicência, assédio, isolamento, supressão de direitos etc). Um comportamento discriminatório frequentemente é antecedido de atitudes estereotipadas e preconceituosas. A discriminação também pode ser positiva ou negativa (ação afirmativa, p. ex.).
- Racismo é a crença ou a prática, implícita ou explícita, que qualitativamente distingue ou valoriza uma raça em detrimento de outras. É uma ideologia baseada na superioridade de uma raça sobre outra e pode ser praticada tanto no nível do indivíduo, como da sociedade ou do estado.
- Sempre que desenvolvemos estereótipos, preconceitos e atitudes discriminatórias negativas, com certeza estamos pecando.
- Um ponto difícil e delicado para o cristão, contudo, é distinguir entre estabelecer juízo sobre raça e etnicidade. O conceito de etnicidade tem significado social e está mais relacionado com a cultura do que com a raça. Seria o componente cultural da raça e manifesta-se na língua, costumes, roupas, música, religião etc.
- Embora seja um pecado julgar as pessoas com base na sua raça, como cristãos estamos comprometidos bíblica e moralmente em estabelecer juízo e valores sobre todas as culturas humanas. Existem aspectos em todas as culturas, incluindo a nossa, que são pecaminosos e exigem transformação, em relação aos quais devemos nos manifestar (At 17:22-23). Isso não é racismo.

8.4. Natanael, o discípulo preconceituoso

- João 1:43-51 narra o encontro de Jesus com Natanael. Quando Filipe encontra Natanael e diz que havia encontrado o Cristo, Jesus de Nazaré, Natanael faz um comentário crítico e preconceituoso em relação à cidade de Nazaré.
- Surpreendentemente, quando mais tarde Natanael se encontra com Jesus, este lhe faz um elogio (Jo 1:47), dizendo que Natanael é um “verdadeiro israelita, em quem não há falsidade”. Possivelmente Jesus quis dizer que Natanael falava o que pensava, sem dissimulações.

- O pré-julgamento de Natanael estava baseado num estereótipo em que muitos de nós incorremos. Ele estava julgando pela aparência (Jo 7:24). Algumas vezes esse tipo de pré-julgamento é um julgamento de probabilidade: uma generalização baseada em múltiplas experiências pessoais.
- Natanael sabia que Nazaré era um cidade minúscula (ca. 2.000 habitantes no tempo de Jesus), que seus habitantes eram gente simples e que o AT não apontava que o Messias viria de lá. Portanto, sua conclusão foi baseada num julgamento de probabilidade.
- Nem sempre julgamentos de probabilidade são errados em si mesmo. Na verdade, podem ser muito úteis em algumas situações. É a maneira como nosso cérebro funciona e a nossa sobrevivência depende desse tipo de funcionamento.
- Contudo, mesmo julgamentos de probabilidade podem ser enganosos. Nem sempre as coisas são como parecem ou deveriam ser. Julgamentos de probabilidade podem ser úteis em certas situações, mas inadequados em outras.
- Natanael estava ou não errado? Um questionamento legítimo da parte de Natanael poderia ter sido: “Pode o Messias vir de Nazaré”? Ele estaria embasado em várias profecias bíblicas se tivesse questionado isso. Mas ao duvidar que alguma coisa boa pudesse vir de Nazaré, ele manifestou sua total depreciação estereotipada pelos habitantes dessa cidade, incluindo Jesus nisso. Ele nem considerou que Filipe poderia saber alguma coisa que ele próprio não sabia, mas estava cego pelo seu preconceito.
- A linha divisória entre o legítimo julgamento de probabilidade e o preconceito pecaminoso é muito tênue. Não devemos usar o legítimo julgamento de probabilidade como uma desculpa para justificar o nosso preconceito pecaminoso.
- John Piper apresenta algumas indicações de disposições interiores que nos ajudam a avaliar se nosso coração está mais inclinado ao erro ou ao acerto em relação a pessoas de outros grupos.
- Tenho uma disposição interior pecaminosa quando:
 - procuro encaixar uma pessoa em uma generalização negativa (acurada ou não) que formei a respeito de um grupo.
 - assumo que uma generalização negativa verdadeira se estende a um indivíduo particular, mesmo diante de evidências contrárias.
 - trato todos os membros de um grupo como se todos devessem ser caracterizados por uma generalização positiva ou negativa.
 - falo negativamente de um grupo baseado em uma generalização, sem dar qualquer evidência de que reconheço e aprecio exceções.
 - falo com menosprezo de um grupo com base em uma generalização negativa, sem qualquer consideração por aqueles no grupo que não se encaixam nesta generalização.
- Tenho uma disposição interior não pecaminosa quando:
 - desejo conhecer e tratar as pessoas por conta de quem elas realmente são como indivíduos e não simplesmente como representantes de um determinado grupo ou classe.
 - desejo assumir riscos para agir contra minhas expectativas negativas e estereotipadas quando me relaciono com uma pessoa.
 - me arrependo genuinamente quando descubro que julguei equivocadamente uma pessoa.
- Que possamos andar em conformidade com a verdade do evangelho nesta difícil área do relacionamento humano (Gl 2:14).

8.5. Um caso explícito/implícito de racismo na Bíblia

- No item 3.3. já nos referimos ao casamento de Moisés com uma mulher negra etíope (cuxita), conforme registrado em Nm 12:1-16.

- O texto aponta como causa da crítica dos irmãos de Moisés, Miriã e Arão, a fato dele ter se casado com esta mulher. O tom da crítica, entretanto, é dirigida à liderança de Moisés (Nm 12:1-2).
- Muitos comentaristas bíblicos dizem que a crítica a esse casamento apenas encobria o verdadeiro motivo: desafiar a autoridade espiritual de Moisés. Mas mesmo que isso fosse verdade, o motivo alegado também revelava o que se passava no coração deles: preconceito e racismo.
- Deus fica muito irado com a atitude dos irmãos de Moisés e o defende elogiando seu espírito de servo, sem mencionar qualquer coisa que reprovasse esse casamento (Nm 12:4-9).
- Deus fere então Miriã com a lepra e sua pele se torna branca como a neve (Nm 12:10). Novamente, alguns comentaristas vêem um simbolismo nessa punição. Por causa de seu ressentimento preconceituoso diante de uma pessoa negra, Miriã é punida com uma doença que deixa sua pele branca.
- Esse relato bíblico desafia também uma percepção pseudo-teológica historicamente muito difundida no meio evangélico, a de que a cor preta é um símbolo bíblico da impureza (ex. livrinho sem palavras).

8.6. O preconceito racial na educação evangélica.

- Além da influência pecaminosa da nossa cultura, o meio evangélico pode ter contribuído para que cristãos ocidentais alimentem sentimentos preconceituosos, mesmo que inconscientemente.
- Através dos séculos, a arte ocidental sempre retratou os personagens e temas bíblicos a partir de uma perspectiva essencialmente européia.
- Mesmo no século XX e XXI, quando essa tendência deveria ser evitada, ainda encontramos muitos livros de histórias bíblicas infantis, por exemplo, retratando os personagens bíblicos numa perspectiva totalmente ocidental: altos, loiros, olhos azuis etc. Que efeito essa tendência pode ter em crianças que crescem num ambiente preconceituoso ou mesmo racista?
- Vídeo sobre o testemunho de John Piper.